

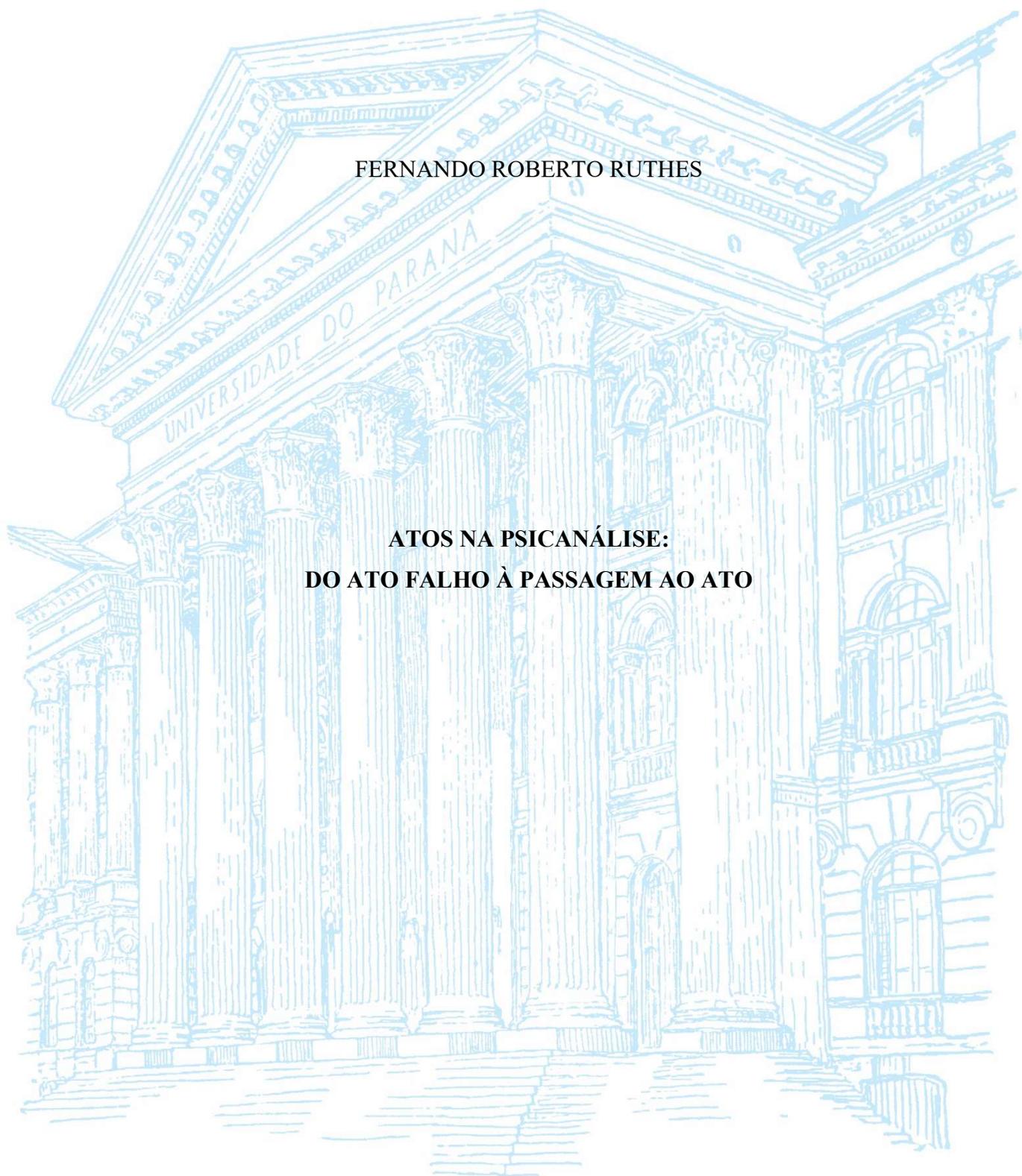
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FERNANDO ROBERTO RUTHES

**ATOS NA PSICANÁLISE:  
DO ATO FALHO À PASSAGEM AO ATO**

CURITIBA

2018



FERNANDO ROBERTO RUTHES

**ATOS NA PSICANÁLISE:  
DO ATO FALHO À PASSAGEM AO ATO**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, no Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Setor de Ciências Humanas, letras e artes, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Rosane Zétola Lustoza

CURITIBA

2018

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de  
Bibliotecas/UFPR-Biblioteca de Ciências Humanas  
Maria Teresa Alves Gonzati, CRB 9/1584.  
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Ruthes, Fernando Roberto.

Atos na psicanálise : do ato falho à passagem ao ato / Fernando  
Roberto Ruthes. – Curitiba, 2018.

88 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná . Setor de  
Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Orientadora : Profª Drª Rosane Zétola Lustoza

1. Psicanálise – Crianças. 2. Sexualidade – Crianças. 3. Psicologia  
sexual. I. Título. II. Universidade Federal do Paraná.

CDD 155.3



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR CIÊNCIAS HUMANAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PSICOLOGIA

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **FERNANDO ROBERTO RUTHES**, intitulada: **OS ATOS NA PSICANÁLISE: DO ATO FALHO À PASSAGEM AO ATO**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação no rito de defesa.

A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 27 de Março de 2018.

ROSANE ZÉTOLA LUSTOZA(UFPR)  
(Presidente da Banca Examinadora)

MAURICIO JOSE D'ESCRAGOLLE CARDOSO(UFPR)

DEBORA PATRICIA NEMER PINHEIRO(UFPR)

Dedico esse trabalho aos meus pais, que enquanto era criança orientaram meus passos,  
possibilitando meu caminhar sozinho.

## AGRADECIMENTOS

A minha orientadora, professora Dr<sup>a</sup> Rosane Zétola Lustoza por me acolher e me orientar sabiamente, me auxiliando no percurso, questionando, me colocando a trabalhar, e de forma tranquila soube conduzir o trabalho proporcionando meu crescimento no percurso de minha formação e aperfeiçoamento

À professora Dr<sup>a</sup> Debora Nemer Pinheiro, pela gentileza das palavras na qualificação, pelas dicas, disponibilidade e auxílio na construção dessa dissertação, suas contribuições proporcionaram um direcionamento na construção desse trabalho.

Ao professor Dr<sup>o</sup> Mauricio Cardoso, pelo estímulo, incentivo, apoio e disponibilidade durante o percurso, sua presença no percurso da minha formação foi muito importante, seu entusiasmo em falar da psicanálise é contagiante.

À CAPES, pelo apoio financeiro a esta pesquisa.

À Lucia Marli Verdum de Almeida, sua escuta e palavra nas supervisões clínicas, proporcionaram inquietações, as quais me colocaram a trabalhar e refletir a cerca da psicanálise.

Aos meus Pais João e Ilaurici, pela presença amorosa, pelo encorajamento que sempre exerceram nos momentos cruciais da minha vida, acreditaram e estimularam minha busca pelo saber não sabido.

Ao meu irmão Fabiano, que a seu modo, esteve presente, incentivando e sendo suporte quando eu não estava lá.

Aos meus companheiros de percurso Soraya, Pedro, Camila e Carmem, com quem compartilhamos angústias, frustrações, alegrias, desespero, mas que sempre havia tempo para risadas e uma parada para um happy hour.

A Aridna Barth pelas revisões, suas contribuições e auxílio nos momentos em que as palavras faltavam e as letras se misturavam foi muito importante.

Aos colegas de trabalho, em especial Cynthia, Patrícia, e Vanderléia, pela parceria e flexibilidade no trabalho, apoio e suporte em minhas ausências, e aguentar minhas brincadeiras.

Às minhas amigas, Ana Paula, Débora, Elaine, Nicole e Renata pelas horas de happy hour, conversas, desabafos, risadas, apoio e incentivo na continuidade do caminhar.

Aos novos amigos, Wagner, Mauro, Jeferson e Hemely, pelas horas de risada, momentos de descontração, conversas, que os dias leves e bem-humorados.

Ao Filipe, pela paciência, por compreender minhas faltas nesses longos meses de trabalho, e pelo carinho nos momentos onde o caminho estava difícil.

“o que nossa língua não concebe: como podemos imaginar um verbo que seja, ao mesmo tempo, sem sujeito, sem atributo e, no entanto, transitivo, como, por exemplo, um ato de conhecimento sem sujeito e sem objeto conhecido”

(BARTHES, 2007, p. 12).

## RESUMO

A presente dissertação visa investigar a respeito do conceito dos atos na psicanálise, privilegiando os atos falhos, *acting out* e passagem ao ato. Nossa investigação parte da construção freudiana a respeito do conceito de atos falhos e sua relação com o inconsciente enquanto formações de compromisso, resultantes do conflito entre a sexualidade infantil recalcada, e as exigências da realidade moral imposta pela cultura, do outro (Freud, 1905/1996). Os atos falhos são os primeiros atos estudados por Freud que mais tarde, em seu percurso na construção da teoria psicanalítica delimita a origem do conceito do *agieren*, traduzido como *acting out*. Lacan retoma os conceitos freudianos apresenta o conceito de passagem ao ato que foi importado da psiquiatria clássica, articulando-o com o termo *kakon* apresentado por Guiraud (1931). Nos conceitos de *acting out* e passagem ao ato, há presença da articulação com o objeto *a*, que é tratado como referência a causa de desejo e o resto, estando localizado nesse ponto uma das articulações trabalhadas nessa dissertação. A dissertação destaca que os atos têm o lugar de dizer, uma mensagem que o sujeito não pode colocado em palavras, trata-se do que emerge ao sujeito lhe causando angústia.

Palavras chaves: Atos falhos, *acting out*, passagem ao ato, objeto *a*.

## ABSTRACT

The present dissertation aims to investigate the concept of acts in psychoanalysis, focusing on Freudian slips, acting out and passing to the act. Our research is based on the Freudian construction of the concept of Freudian slips and its relation to the unconscious as formations of compromise resulting from the conflict between repressed child sexuality and the demands of the moral reality imposed by culture on the other (Freud, 1905, 1996). The Freudian slips are the first acts studied by Freud, who later on, in his course in the construction of psychoanalytic theory, delimits the origin of the concept of *agieren*, translated as acting out. Lacan retakes the Freudian concepts presents the concept of passage to the act that was imported from classical psychiatry, articulating it with the term *kakon* presented by Guiraud (1931). In the concepts of acting out and passing to the act, there is presence of the articulation with the object *a*, which is treated as reference the cause of desire and the rest, being located at this point one of the articulations worked in this dissertation. The dissertation emphasizes that the acts have the place of saying, a message that the subject can not put into words, it is what emerges to the subject causing him anguish.

Key words: Freudian slips, *Acting Out*, Passage to the Act, Object *a*.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO I .....	40
ILUSTRAÇÃO II - Sujeito Suposto Saber .....	41
ILUSTRAÇÃO III - Algoritmo da transferência .....	41
ILUSTRAÇÃO IV - Circuito pulsional.....	47
ILUSTRAÇÃO V - Esquema da divisão subjetiva .....	49
ILUSTRAÇÃO VI - Diagrama Objeto a.....	51
ILUSTRAÇÃO VII - Inconsciente.....	66
ILUSTRAÇÃO VIII - Significante .....	67

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1 ATOS FALHOS</b> .....	16
<b>2 ACTING OUT</b> .....	26
2.2 TRANSFERÊNCIA EM LACAN.....	38
2.3 OBJETO <i>a</i> ; CAUSA DO DESEJO AO RESTO. ....	46
<b>3 PASSAGEM AO ATO, DO <i>KAKON</i> AO OBJETO <i>a</i>.</b> .....	53
<b>4 A BORDANDO O ATO.</b> .....	65
4.1 ATO, INCONSCIENTE E SINTOMA.....	65
4.2 O ATO, FALHA .....	70
<b>CONCLUSÃO</b> .....	76
<b>REFERENCIAS</b> .....	80

## INTRODUÇÃO

A temática dos atos, foco de nossa pesquisa, está presente na psicanálise desde os estudos iniciais de Freud referentes à comprovação da existência do inconsciente, a considerar os atos falhos. Os atos falhos, assim como os sonhos, são apresentados por Freud como uma das formas que possibilitam o conteúdo inconsciente acessar a consciência na forma de lapsos, erros ou esquecimentos.

Ao analisarmos a obra de Freud, é possível verificar o estatuto dos atos na psicanálise e suas implicações em relação ao sujeito, que perpassa a constituição do sujeito, ato em sua característica de fundação, assim como referenciado a resposta do sujeito ao Outro. Cabendo, dessa forma, uma delimitação do que vem a ser os atos na psicanálise bem como quais as suas principais formas de representação.

Pensar a respeito da delimitação do conceito de ato, nos remete ao questionamento realizado por Lacan no seminário *o ato analítico* (1967- 68 p 4-5); “O que é o ato propriamente dito? Será a interpretação? Ou será o silêncio? Ou o que quer que seja, que vocês queiram designar, nos instrumentos da função.”

A utilização do termo ato não é uma exclusividade da psicanálise, podemos encontrar o termo referenciado a outros âmbitos como o Poder Legislativo (os atos legislativos), a medicina (o ato médico), temos ainda os atos administrativos, ato jurídico, entre outros. Das várias utilizações do termo, uma merece destaque: trata-se do ato no âmbito do direito, em especial nas delimitações a respeito do que vem a ser o ato jurídico em sua interface com o sujeito de direito, ou seja, os titulares de direitos e deveres. O ato jurídico estaria referenciado as leis jurídicas em certa medida, difere do sujeito da psicanálise que está referenciado ao inconsciente. Conforme destaca Torezan e Aguiar (2011) o sujeito da psicanálise é o sujeito do desejo, estabelecido por Freud através da noção de inconsciente, sujeito está referenciado as leis do inconsciente.

Retomando a temática dos atos e ao pensá-la no âmbito do direito, Oliveira (2004) citando Ducrot (1977) em seu livro *Princípios de Semântica Lingüística (dizer e não dizer)* traz a diferenciação entre ato jurídico e ação jurídica. Segundo a autora, Ducrot apresenta uma interessante reflexão a respeito dos termos, destacando que tanto a ação quanto o ato se caracterizam por produzirem transformações nas relações legais entre os sujeitos envolvidos.

No que tange à definição de ação, a autora a referência a ação criminosa, a que prejudicaria a outrem, a ordem, ou a sociedade. O ato jurídico refere-se à ocorrência de uma

transformação é imediata e inerente à própria atividade; para a qual Ducrot chama de “efeito primeiro” da atividade. Como forma de exemplificar, tomamos o momento no qual um juiz profere uma sentença, sendo esse o ato jurídico, o qual se dá entre o juiz e a pessoa, que após o veredito do magistrado faz a passagem, transformando em condenado, trata-se de um ato de fala, o qual condena o sujeito. Nada se intercala entre a fala do juiz e a transformação do réu em condenado já que é a fala (o enunciado) que condena.

Ao pensarmos o ato jurídico com referência ao que Lacan apresenta no texto *Subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano*, onde define o sujeito do enunciado como um *shifter*, aquilo que designa o sujeito enquanto ele fala naquele momento (Lacan, 1960/1998, p.814). A fala do juiz estaria localizada no âmbito do enunciado, no dito, entretanto por traz desse dito estaria à enunciação, o dizer, o para além da fala, no caso do exemplo trabalhado, seria a transformação do réu em condenado, lugar do sujeito que subverteu a lei. O ato jurídico, pensado no nível do enunciado, é um para além do movimento físico, ele é o que transforma o réu em culpado, destacando que o ato seria um para além da ação.

A necessidade da distinção entre ato e ação é destacada por Lacan no seminário *o ato analítico* (1967-68), onde afirma que não se tratam da mesma coisa. Até aquele momento não havia uma distinção clara entre os dois termos, sendo o ato explicado por meio da ação. Na busca por diferenciação entre os termos, Lacan recorre ao modelo de arco reflexo, que já havia sido trabalhado por Freud em *O Projeto* (1895). O modelo de arco reflexo se refere à resposta imediata à excitação de um nervo, sem a vontade ou consciência do animal, Lacan destaca que a ação é nada mais que uma consequência, até uma fuga consecutiva a uma sensação mais ou menos intolerável, referenciando a uma de descarga de tensão, um movimento motor.

Os movimentos realizados pelo sujeito de comer para matar a fome, tomar um copo de água para então matar a sede, tratam-se de movimentos mecânicos oriundos de estímulos nervosos que emitem a mensagem ao organismo, que por sua vez é interpretado pelo sujeito como sede, a partir desses, novos estímulos são dados possibilitando que o sujeito realize outros movimentos. Tais movimentos, desde a mensagem inicial até sua execução, são atividades motoras e estão do lado do que podemos chamar de ação.

Retomando o texto freudiano, podemos destacar que a ação é justamente o movimento de descarga motora, como o fato de ter fome e comer. Torres (2011) chama esse movimento de ação inespecífica<sup>1</sup> uma vez que possui como função se livrar do estímulo considerado desprazeroso ao sujeito. No que se refere ao ato, Lacan (1967 – 68) pontua que este não deve

---

<sup>1</sup> Termo usado em contraponto ao termo ação específica que Freud trata em *O projeto* (1895).

ser tomado como uma ação qualquer, ele demarca que o ato não pode ser considerado como um fazer comum conforme seus fins práticos ou paradigmáticos.

Brodsky (2004) ao fazer referência ao texto freudiano *Psicopatologia da vida cotidiana* argumenta que um ato vale o mesmo que uma palavra, destacando a aproximação entre ato e fala. Para a autora a equivalência entre fala e ato está na perspectiva de que a fala busca o reconhecimento de “um outro”, mais especificamente do Outro, esta não estaria em função de comunicação, mas sim em função de situar o lugar do sujeito em relação a outro sujeito, é o que localiza o sujeito, trata de este se fazer reconhecer.

Nessa situação, a fala pode ser considerada como ato de um discurso e não como um ato de fonação, o que implica minimamente uma relação a dois, na qual um sujeito dirige uma mensagem para alguém demandando a resposta. Trata-se uma demanda endereçada ao Outro, possibilitando considerar que não há ato sem o Outro (Brodsky, 2004). É ao Outro que o ato faz seu endereçamento, tal qual ocorre nos atos falhos, *acting out* que clama ao Outro pela interpretação, e no sintoma o qual nos possibilita questionar a respeito da proximidade e diferença entre atos e sintomas.

A presente pesquisa, considerando o questionamento anterior, se propõe debater, brevemente, a respeito da relação entre atos e sintomas uma vez que podemos considerar que os atos assim como o sintoma fazem parte do jogo de significantes, fazer um ato é introduzir uma relação significativa, um ato possui a estrutura significativa (Bentes, 2011). Nesse sentido "todo fenômeno analítico, todo fenômeno que participa do campo analítico, da descoberta analítica, daquilo com que lidamos no sintoma e na neurose, é estruturado como linguagem" (Lacan, 1955-56/1997, p. 192).

Associadas a essas questões, é necessário considerar que o ato não é da ordem do pensamento, o sujeito não pensa em realizar um ato, ele apenas o faz, sua temporalidade é de um instante, precisamente o que o neurótico não consegue controlar. Um ato se caracteriza pelo irromper do inconsciente, possibilitando pensar que enquanto a ação é da ordem da consciência, do planejamento, do pensamento, o ato é da ordem de algo que emerge, e que se faz apenas uma vez, tomando o sujeito de sobressalto.

Partindo do que foi colocado até o momento, a presente pesquisa tem como foco o estudo a respeito dos atos, destaca-se que em decorrência da amplitude da temática, será realizado um recorte, privilegiando três modalidades de ato, os atos falhos, *acting out* e a passagem ao ato. No desenvolvimento desse estudo, os três conceitos serão trabalhados

especificamente, considerando sua origem bem como suas articulações e interfaces com outros conceitos psicanalíticos, como transferência e objeto *a*.

Como forma de desenvolver tais questões, o trabalho foi dividido em três capítulos, sendo o primeiro referenciado a tratar o conceito de atos falhos, o qual é citado inicialmente por Freud em suas cartas à Fliess, e posteriormente em textos como *O Mecanismo Psíquico do Esquecimento* (1898), *A psicopatologia da vida cotidiana* (1901).

O segundo capítulo será a respeito do *acting out*, partindo de sua concepção inicial apresentada por Freud em 1905 no texto *Fragmento de análise de um caso de histeria*, no qual ele apresenta o caso Dora. Posteriormente, Lacan retoma o conceito delimitando o mesmo e o diferenciando de outros conceitos como a passagem ao ato. Nesse capítulo há outros dois subcapítulos que trabalharam os temas transferência e objeto *a*, ambos os temas se relacionam com o tema principal do capítulo, a considerar que Lacan considera o *acting out* enquanto transferência selvagem. No que se refere o conceito de objeto *a* ele não está articulado apenas com o conceito de *acting out*, entretanto optou-se em tratar a respeito de tal conceito no segundo capítulo como forma de marcar sua função no *acting out* e preparar o leitor para o próximo capítulo, a passagem ao ato, uma vez o objeto *a* se encontra na constituição da passagem ao ato.

À medida que o leitor está ambientado com o conceito de objeto *a*, o terceiro capítulo irá trabalhar o conceito de passagem ao ato, que tem sua origem na psiquiatria clássica, introduzido pela criminologia do século XIX. No desenvolvimento desse capítulo, serão explorados textos clássicos como *Le meurtre immotivé, réaction libératrice de la maladie* (1928) e *Les meurtres immotivés* (1931), ambos de Paul Guiraud, que trabalha o conceito de *Kakon*, utilizado por Lacan para a construção do conceito de passagem ao ato.

Por fim teremos o quarto capítulo, que está dividido em dois subcapítulos, sendo que no primeiro se propõe a discussão a respeito da interface dos atos e sintomas, buscando responder o questionamento colocado anteriormente. No segundo será discutido a respeito do estatuto do ato e sua relação com a falha, considerando o objeto *a* em sua relação com o que falha na cadeia significativa, e o ato enquanto aquele que possibilita ao sujeito uma ultrapassagem.

A presente pesquisa não versa a discussão exaustiva a respeito do tema, buscando abranger os conceitos em toda a sua amplitude, tão menos encerrar os questionamentos a respeito da temática. O que se propõe é justamente contribuir para a promoção de tais questionamentos, possibilitando a abertura de campos de discussões a respeito dos atos na psicanálise, tema deveras importante na teoria psicanalítica.

## 1 ATOS FALHOS

Em seu texto *Psicopatologia da Vida Cotidiana* Freud (1901/2014) afirma que o foco da psicanálise se volta para eventos que estão presentes na vida de qualquer sujeito e, que a princípio, ninguém lhes dá atenção, a saber, os atos falhos. Assim como os sonhos que ganham um status diferente do que meramente manifestações oníricas, o mesmo ocorre com os atos falhos, que se tornam foco dos estudos de Freud.

A psicanálise volta sua atenção para esses eventos à medida que eles demonstram, para além de uma lógica consciente, um sentido produzido pelo trabalho do inconsciente. No seminário *Escritos técnicos de Freud*, Lacan (1953-54/1996) destaca que o discurso do sujeito se desenvolve na ordem do erro, do desconhecimento e da denegação, é justamente através do que é desconhecido ao sujeito que o material inconsciente se manifesta. Por meio do ato que falha, é possível perceber que algo se manifesta no sujeito, algo da ordem do inconsciente “nesse discurso que se desenvolve no registro do erro, algo acontece por onde a verdade faz irrupção, e não é a contradição” (Lacan, 1953-54/1996, p. 302). Por meio da leitura da obra de Freud e Lacan é possível supor que a verdade a que Lacan se refere, trata-se da verdade do sujeito, a qual encontramos e que faz aparições à revelia da consciente, estando seus registros no inconsciente. Repetição do pronome a qual. O correto é reescrever a sentença

A psicanálise porta em si um caráter inovador, de descoberta, estando os atos falhos no rol de seus exemplares. Conforme destaca Freud (1916/2014), até aquele momento, poucos estudos haviam sido realizados a respeito de “certos fenômenos muito frequentes, muito conhecidos e muito pouco estudados, os quais nada têm a ver com enfermidades, uma vez que podem ser observados em toda pessoa saudável.” (Freud, 1916/2014, p.25). Tais fenômenos foram chamados por ele de *fehlleistungen* que, traduzido literalmente, significa *atos falhos* ou *funções falhas*.

Conforme demarca o editor inglês no texto de 1901, Freud já havia feito menção a respeito dos atos falhos na carta 94 que escrevera a Fliess em agosto de 1899, onde é destacada uma passagem na qual Freud relata a Fliess que compreendeu algo que ele suspeitava há muito tempo: o modo como os nomes lhe escapam, em seu lugar viriam um substituto. Tal fato fora tratado inicialmente como vinculado a lógica do erro. O editor ainda destaca que, posteriormente na carta 96 (outubro de 1899), Freud traz o famoso exemplo da análise da troca de nomes: o exemplo Signorelli. Tal caso é retomado por ele em 1898 em seu texto *O Mecanismo Psíquico do Esquecimento*.

No texto de 1898, Freud trata do esquecimento dos nomes, apresentando alguns casos, um em especial, o ilustre caso Signorelli. Trata-se aqui de um lapso da fala efetuado por Freud, o qual ao ser indagado a respeito do nome do artista que pintara os afrescos da catedral de Orvieto, não consegue recordar qual seria o nome (Signorelli), vindo à mente apenas os nomes Botticelli e Boitraffio. Tal fato intriga Freud, que para explicar tal ato, inicia a reflexão a respeito dos motivos que o fizeram esquecer o nome. Inicialmente faz uma análise das palavras Botticelli e Boitraffio, seu ato falho, e todas as variantes do seu discurso, bem como os fatores envolvidos no esquecimento do nome original.

A análise da troca do nome Signorelli por Botticelli e Boitraffio, bem como a busca dos fatores envolvidos, aponta para a presença do nome Bosnia que remete à uma passagem de Freud na qual estava conversando com um companheiro de viagem a respeito dos turcos da Bosnia. Durante a conversa, dois temas são levantados, sendo um referente a maneira e o respeito que os médicos eram tratados naquele país, transversalmente o tema morte é colocado em questão, outro tema levantado referia-se a importância dada pelos Bosnianos - aos prazeres sexuais. Em sua descrição do caso, Freud (1898/1996) considera tais assuntos como delicados. Associado a esses dois temas estava o fato de que, semanas antes, Freud havia recebido a notícia do suicídio de um de seus pacientes devido a uma perturbação sexual incurável.

Mediante tais reflexões, Freud (1898/1996), destaca que o ato falho evidenciado pela troca dos nomes aponta para o conteúdo que encontrava-se recalcado. Na troca dos nomes foi realizado um deslocamento ocasionado pelos nomes contidos nos temas recalcados, morte e sexualidade. É possível perceber que ocorre no caso apresentado por Freud um deslizamento metonímico que busca, por meio de outros significantes, preencher o nome esquecido.

Conforme Diamantino (2013), na estrutura frasal do caso apresentado por Freud, o sujeito da oração estaria em lugar estranho, apontando assim para a substituição de um significante recalcado. O caso revela o inconsciente e as múltiplas significações, as quais estariam associadas à angústia de castração, relacionada aos temas morte e interdição do gozo sexual. É possível perceber, pela troca de nomes, que um fluxo de representações recalcadas se associa a uma impressão recente possibilitando emergir o que estaria recalcado (Freud, 1898/1996).

O termo *Verdrängun*, traduzido pelo editor inglês inicialmente como repressão e posteriormente como recalque, é tratado como “o pilar em que repousa o edifício da psicanálise” (Freud, 1912/2012, p. 200), sendo considerado como um dos conceitos fundamentais da teoria freudiana, este foi um dos principais mecanismos de defesa investigado

por Freud servindo de modelo para outros mecanismos. A palavra recalque significa “rebaixamento de terra ou paredes” (Hans, 1996, p. 358), sendo o radical calcar referente a “calcar a terra, o terreno = pressionar-pisar-apertar” (p. 358), podendo também ser utilizado como “oprimir, vexar, desprazer” (Hans, 1996, p. 358). Como é possível observar, o termo está referenciado ao movimento de refutar, sendo utilizado por Freud como referência ao movimento através do qual certos impulsos instintuais são rechaçados, recalcados para o inconsciente por forças psíquicas. Freud (1912/2012) destaca que as forças psíquicas que promovem o recalque, ou repressão dos instintos por parte do eu, se originam essencialmente da docilidade ante as exigências da civilização, ressaltando dessa forma a relação do conteúdo instintivo com as exigências sociais e o recalque.

Freud (1900/1996) destaca que o material recalcado é composto por conteúdos que se encontram inacessíveis à consciência, os quais são considerados por Freud como o âmago de nosso ser, as moções de desejos inconscientes. As moções de desejo, que são provenientes da infância, exercem forças sobre as tendências anímicas buscando a sua realização. A realização de desejos infantis, que inicialmente geraria prazer, sofre uma transformação do afeto, gerando desprazer, tal transformação é a essência do processo ao qual Freud (1900/1996), deu o nome de recalque.

O conteúdo que foi recalcado, e encontra-se no inconsciente busca meios de emergir a consciência, encontrando nos atos falhos, da mesma forma como ocorre nos sonhos, uma possibilidade através do qual esses conteúdos inconscientes possam emergir a consciência. À medida que o conteúdo inconsciente emerge através do ato falho, alguns sujeitos reagem no intuito de tentar reestabelecer de imediato o ato original, buscando ora rebaixar o ato ao caráter de acaso, ora afirmar que o mesmo não foi real, ou ainda recusar o que foi dito. Isso indica a presença de outro mecanismo presente no ato, *Verneinung*, o termo foi traduzido na língua portuguesa das duas formas, denegação ou negação.

A denegação ou negação é apresentada por Freud como a forma de “tomar conhecimento do que foi reprimido” (Freud, 1923-25/2011, p.250), sendo caracterizada pelo movimento do sujeito em apresentar, pela via do negativo, algo que se encontra recalcado. Conforme destaca Freud (1923-25/2011) “o conteúdo reprimido de uma ideia ou imagem pode abrir caminho até a consciência, sob a condição de ser negado” (p. 250), ele continua destacando que trata-se de “um levantamento da repressão, mas não, certamente, uma aceitação do reprimido”. (p.251), ou seja, por meio da negação pode-se identificar o mecanismo da repressão, entretanto não equivale a aceitação ou o fim do reprimido.

À medida que o conteúdo recalçado emerge a consciência pela via do ato falho, o sujeito nega dando dessa forma sinais da existência do recalque. O movimento do sujeito é de recalcar o conteúdo inconsciente apresentado pelo ato.

Durante suas investigações a respeito dos atos falhos, Freud (1905/2006) destaca três pontos que se fazem presentes e os quais possibilitam diferenciá-los de outros quadros patológicos viabilizando uma maior consistência em sua identificação. Freud apresenta nesse pequeno trecho o caráter perturbador do ato falho, o qual toma momentaneamente o sujeito, e como resposta do sujeito encontra-se a tentativa de explicar o ato, os atos falhos segundo Freud (1905/2006, p. 237).

Não pode exceder certas dimensões fixadas por nossa avaliação e caracterizadas pela expressão “dentro dos limites do normal”

Deve ter o caráter de uma perturbação momentânea e temporária. É preciso que tenhamos excetuado antes a mesma função de maneira mais correta ou que nos acreditemos capazes de realizá-la mais corretamente em qualquer ocasião. Ao sermos corrigidos por outra pessoa, devemos reconhecer de imediato a exatidão da correção e a inexatidão de nosso próprio processo psíquico.

Quando chegamos a perceber o ato falho, não devemos sentir em nós mesmos nenhuma motivação para ele, mas antes ficar tentados a explicá-lo pela “desatenção” ou ainda como uma “casualidade”

Os apontamentos remetem as características presentes no ato falho, bem como as reações dos sujeitos na eminência do ato. Em tal citação é possível perceber o caráter do erro, equívoco e do lapsos presente na caracterização do ato falho.

No mecanismo do ato falho estão presentes outros fenômenos os quais são apontados por Freud como os esquecimentos [vergessen], os erros, os lapsos de fala [versprechen], os lapsos de leitura [verlesen], os lapsos de escrita [verschreiben], os equívocos, tal pressuposição está presente em textos como *O Mecanismo Psíquico do Esquecimento* (1898) *Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901), *Conferencias Introdutórias à Psicanálise* (1916) entre outros.

Visando uma melhor compreensão, é possível pensar os atos falhos e suas características de apresentação, como os relacionados à linguagem, ao extravio, perdas ou erros, e ao esquecimento. Desta forma, organizamos no presente texto os atos falhos seguindo a lógica já citada, bem como faremos uma breve explanação a respeito das várias formas de manifestações dos atos falhos.

Os atos falhos relacionados à linguagem englobam os lapsos de fala ou verbal, da escrita, da leitura e da audição, os quais serão descritos conforme segue.

No que se refere aos lapsos da fala podemos caracterizá-lo como aquele em que o sujeito possui a intenção de dizer algo e em vez da palavra visada, faz uma troca proferindo outra palavra em seu lugar. Normalmente, os sujeitos não percebem, ouvem o lapso, mas são capazes de ouvir quando outro sujeito o faz, entretanto quando o lapso é apontado gera desconforto no sujeito (Freud, 1916/2014).

Os lapsos de escrita ocorrem no momento em que o sujeito faz a troca do que deveria escrever pelo que escreveu, como ilustração podemos destacar as antecipações de palavras no momento da escrita. Tais atos apontam “para uma relutância geral em escrever e para uma impaciência desejosa de terminar logo a frase; efeitos mais pronunciados do lapso da escrita permitem identificar a natureza e a intenção da tendência perturbadora” (Freud, 1916/2014, p.73).

Os lapsos de leitura são aqueles onde se lê algo diferente do que está escrito. A maioria dos casos de lapsos de leitura consiste, portanto, em uma substituição. “Substitui-se a palavra a ser lida por outra, sem que isso implique necessariamente uma relação de conteúdo entre o texto e o resultado do lapso, que em geral se assenta em alguma semelhança de palavras” (Freud 1916/2014, p. 75).

Os lapsos de audição são aqueles onde se escuta algo diferente do que foi dito. Vale destacar que esses lapsos ocorrem em pessoas que não têm a função auditiva prejudicada por qualquer perturbação orgânica.

Outro conjunto de lapsos apresentados por Freud (1916/2014) são os fenômenos caracterizados como extravio [*Verlegen*]. Tais situações são exemplificados por situações que ocorrem quando alguém guarda um objeto em determinado lugar e, depois, não consegue encontrá-lo, ou ainda quando perde [*Verlieren*] determinado objeto. Freud salienta que tais lapsos podem provocar perplexidade ou irritação nos sujeitos e complementa que não é possível verificar o caráter temporário, que estava presente nos outros fenômenos. Como forma de exemplificar os atos falhos relacionados ao extravio recorreremos ao exemplo, apresentado por Freud (1916/2014), de um jovem homem que considerava sua esposa fria, distante, que não lhe dava a devida atenção, o casal estava passando por alguns desentendimentos, certo dia ele ganha um livro da companheira e o guarda, entretanto ao querer saber se dá conta que o perde, ele procura o mesmo insistentemente. Em determinada ocasião a mãe do referido jovem fica doente

e sua esposa vai cuidar da sogra, determinado dia, ao chegar em casa lhe ocorre um pensamento e ele então abre a gaveta de sua escrivaninha e lá estava o livro que havia perdido.

As formas apresentadas até o presente momento não são as únicas formas de atos falhos, há outras formas como os *equivocos* [*Irrtümer*], “por algum tempo, acreditamos em algo que, sabíamos antes e sabemos depois, não é o que pensávamos” (Freud 1916/2014, p. 26). Nos equívocos, por sua vez, o caráter temporário se faz presente.

Em *Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901), mais especificamente no capítulo chamado Lapsos da fala, Freud cita o estudo realizado por Meringer e C. Mayer a respeito dos “Lapsos da fala e Leitura”. Esses autores agruparam os lapsos da fala em categorias diferentes, sendo elas: de transposição, como no caso de “*Milo de Vênus*” em vez de “*Vênus de Milo*”; pré-sonâncias ou antecipações, exemplificada em “*pestava-me*” em vez de “*pesava-me o peito*”; pós-sonâncias ou perseveração, como por exemplo em erguer nossos copos à saúde, ou nosso “*Quepe*” em vez de “nosso chefe”; contaminações: “*de revolte a ele*” em vez de “*de recado a ele e volte*”; e substituições “*apague a luz ai no interlocutor*” em vez de “*apague a luz ai no interruptor*”.

Freud (1916/2014) explora a passagem, na qual o orador em uma cerimônia em homenagem a seu chefe profere a seguinte frase “*Ich fordere Sie auf, auf das Wohl unseres Chefs au fzustossen*”, em vez de dizer “*anzustossen*”, isso quer dizer o seguinte: Eu os convido a arrotar à saúde de nosso chefe, em vez de brindar<sup>2</sup>. Conforme Freud (1916/2014) “não podemos imaginar outra coisa senão que pretende expressar-se aí uma vigorosa tendência contrária à suposta homenagem, a qual deseja, antes, dizer: “Não creiam que estou falando sério. Não dou a mínima para esse sujeito”, ou coisa parecida.” (p. 45).

Em seu trabalho a respeito dos lapsos, Freud relaciona o esquecimento [*Vergessen*], com o lapso de memória. Os esquecimentos referem-se àquelas situações que são temporárias, como no momento em que uma pessoa não consegue se lembrar de um nome ou palavra que conhece, ou ainda quando esquece de realizar determinada atividade a qual pretendia fazer ou prometera fazer, lembra da mesma apenas em um momento posterior.

É importante ressaltar que Freud exemplifica os esquecimentos com exemplos retirados de sua análise pessoal, onde este esquece de nomes de pessoas e locais onde frequentou. Tais esquecimentos são tratados por ele como estando relacionados a afetos intensos e quase sempre penosos.

---

<sup>2</sup> Tal passagem está presente no texto “*Psicopatologia da Vida Cotidiana*” (1901, p. 78) e nas “*Conferencias Introdutórias*” (1916, p 47 e 67).

Assim como Freud o fez em 1916, Garcia-Roza (2007) destaca que todos os atos falhos se baseiam no esquecimento, porém nenhuma pessoa sadia está alheia a esses esquecimentos. Ao refletir a respeito de tal afirmação, é importante destacar que Freud não desconsidera o caráter orgânico que alguns lapsos podem possuir, pois há algumas situações onde causas orgânicas podem se fazer presentes na produção dos lapsos, como por exemplo na fala e na memória, “um leve adoecimento, alterações no abastecimento de sangue no órgão nervoso central podem produzir esse mesmo efeito, na medida em que influenciam de forma análoga o fator determinante, isto é, a distribuição da atenção” (Freud 1916/2014, p. 29).

O reconhecimento do caráter orgânico dos atos falhos é importante, contudo esse não é o interesse da Psicanálise (Freud, 1916/2014), o interesse reside no fator psíquico envolvido. Considerando que nem todos os atos são oriundos de fatores orgânicos, uma vez que ocorrem também em pessoas que não estão com quadro que sugere adoecimento ou cansaço.

Durante a construção de sua teoria, Freud recebeu inúmeras críticas da ausência de comprovação científica do inconsciente, e concomitantemente dos atos falhos. Em resposta ele critica o caráter em que a ciência é tomada por alguns estudiosos, os quais a consideram como o único critério válido para legitimar a teoria, destacando que há um espírito de ânsia de autoridade que substitui o catecismo religioso pelo científico, colocando a ciência em paralelo com a religião no que se refere a inflexibilidade ou rigor em assumir verdades absolutas.

Outro ponto debatido se refere à suposição de que os atos falhos são obras do acaso; “Eles não são obra do acaso, mas atos psíquicos sérios; possuem um sentido e nascem da conjunção, ou melhor, do confronto de duas intenções diferentes” (Freud, 1916/2014, pp. 45-46). Entretanto os atos em si não significam nada, o que é do interesse da psicanálise são as intenções presentes nos atos, que são capazes de perturbar as pessoas, bem como as relações que essas tendências perturbadoras guardam com aqueles aos quais elas perturbam.

Conforme destacado nas conferências introdutórias à Psicanálise (1916/2014), importa “não a forma ou o meio de que se vale, e sim a intenção à qual ele próprio serve e que há de ser realizada por caminhos os mais diversos”. (Freud, 1916/2014, p. 59). Os atos falhos possuem um sentido, o qual é singular a cada sujeito. Duarte (2013) salienta o caráter perturbador do ato falho e complementa a proposição freudiana, destacando a singularidade do ato para cada sujeito, que o sentido é dado pelo sujeito, o sujeito associa a partir do ato falho, sendo que o ato porta em si sempre um dizer.

Em *Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901), são apresentadas algumas insuficiências do funcionamento psíquico e desempenhos aparentemente inintencionais, os quais revelam,

após a investigação através do método da psicanálise, ter motivos válidos a serem determinados que são desconhecidos pela consciência. O destaque dado ao ato falho, na obra de Freud é exemplificado em “O caso Dora” (1905), e no já mencionado *Psicopatologia da Vida Quotidiana* (1901), em ambos os casos Freud coloca o ato falho como representante de algo inconsciente, ficando dessa forma na ordem do sintoma.

Lacan, no seminário *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964/2008), acrescenta que a hipótese do inconsciente está intimamente relacionada às formas de tropeço e de falha que Freud observava nas manifestações de alguns eventos – sonhos, atos falhos, chistes e lapsos. Baseado em tal proposição, se destaca o reconhecimento da força do inconsciente em convocar o ato à revelia da vontade consciente do sujeito, assim como a constatação de que um ato é interpretável, seja ou não um ato de fala, por estar situado no campo da linguagem.

O inconsciente por sua vez não é estático, ele possui uma “força”, a qual é tratada por Freud em 1901 quando faz referência a tendência perturbadora do inconsciente, uma vez que o mesmo “pode alcançar seu objetivo através da repetição obstinada do mesmo tipo de ato falho” (Freud, 1901/2014, p. 234). Esta obstinação do ato falho “dá a vívida impressão de uma vontade que esforça por atingir um alvo determinado, e contradiz de maneira muito mais enérgica a noção de que o ato falho é uma coisa aleatória e não requer interpretação” (Freud, 1901/2014, p 236). Conforme é destacado, a interpretação do ato falho ocorre inicialmente apenas por meio da conjectura a respeito deste, a qual é confirmada posteriormente com base no que ele chama de exame da situação psíquica.

Lacan, no seminário *Escritos técnicos de Freud* (1953-54/1996), salienta que na análise a verdade surge pelo que é manifesto no equívoco, no tropeço das palavras, no ato que falha, sendo o ato falho a via pela qual a verdade do sujeito se manifesta. Freud percebe, através da palavra que falha, o que Lacan posteriormente chamará de um semi-dizer que está referenciado à verdade. Para Lacan (1969-70/2007) a verdade é não toda, “nenhuma evocação da verdade pode ser feita se não for para indicar que ela só é acessível por um semi-dizer, que ela não pode ser inteiramente dita porque para além de sua metade, não há nada a dizer”. (p. 53), pensar o ato falho como um semi-dizer a respeito da verdade do sujeito, é supor que por meio do ato falho que seria possível o acesso a uma parte da verdade.

Lacan afirma que o ato falho é, com efeito, um ato bem-sucedido, posto que através dele a verdade do sujeito se desvela, ainda que à revelia do eu: “O que Freud suporta como o inconsciente supõe sempre um saber, e um saber falado. O inconsciente é inteiramente redutível

a um saber. E o mínimo que supõe o fato de ele poder ser interpretado (Lacan, 1975-76/2007, p. 127).

O ato falho desvela a verdade do sujeito, a verdade inconsciente, entretanto ele coloca em questão o *Unbekannte*, o não sabido, o desconhecido, que encontra outra saída mesmo sendo barrado pela repressão. Tal fato leva à reflexão sobre o papel da censura frente ao ato falho.

No texto *O Inconsciente* Freud (1915/2006) afirma que um ato psíquico passa por duas fases e que entre ambas está o que se pode chamar de censura. Em *Interpretação dos sonhos* (1900), as relações entre censura e defesa são evidenciadas por Freud, na medida em que tem uma função permanente de constituir uma barreira seletiva entre os sistemas inconsciente, por um lado, e pré-consciente, por outro. A censura é tratada como uma instância crítica por exercer a função de censor do eu ou da consciência.

Retomando a proposição freudiana a respeito da passagem do ato psíquico pela censura, este propõe que inicialmente o ato encontra-se inconsciente e pertencente ao sistema inconsciente, posteriormente ele é submetido à censura, a qual pode “aprová-lo” possibilitando seu ingresso à consciência, ou pode ser rejeitado ficando interdita a sua passagem ao que ele chamou de segunda fase, sendo o ato designado como reprimido (recalcado) e mantido no inconsciente.

O movimento do ato inconsciente para o consciente é, conforme aponta Rudge (1998), uma escolha: “O que está em questão nos atos falhos é algo análogo à vontade, um impulso para um ato, mas que surpreende o sujeito porque não corresponde a uma decisão consciente” (p.128). A autora complementa que o ato se dá à revelia do sujeito, o qual se vê desalojado de uma posição em que supunha controle sobre o que faz ou fala.

A manifestação do ato falho possui os mesmos mecanismos presente no sonho, o qual, por sua vez, se une aos restos mnêmicos para passar pela censura e atingir a consciente. Tal similaridade é apontada em *Psicopatologia da Vida Cotidiana* “a situação é a mesma: por caminhos incomuns e através de associações externas, os pensamentos inconscientes expressam-se como modificação de outros pensamentos” (Freud, 1901/2014, p.271). Assim como no mecanismo do sonho, se faz presente no ato falho os mecanismos de condensação e deslocamento.

No texto *Os sonhos* (1916), é descrito como ocorrem os mecanismos de condensação e deslocamento, lembrando que assim como nos sonhos, tais mecanismos estão presentes nos atos falhos. Freud (1916/2014) destaca:

A condensação se dá na medida em que: 1. certos elementos latentes são excluídos; 2. apenas um fragmento dos vários complexos do sonho latente figuram no manifesto; 3. elementos latentes que possuem algo em comum apresentam-se reunidos no sonho manifesto, ou seja, fundem-se em uma única unidade. (Freud, p. 187).

Posteriormente ele acentua que o termo condensação pode ser designado apenas pelo terceiro item, uma vez que através dele é mais fácil de ser demonstrado. Ele exemplifica como surge um sonho caracterizado como incompreensível, é a partir “da omissão de todos os pensamentos centrais ao encadeamento do pensamento latente e da criação de formações substitutivas de significado ambíguo para os pensamentos mais profundos e temporalmente distantes” (Freud, 1916/2014, p. 207). Conforme destaca Freud, a condensação pode ser tratada como uma criação de formação substitutivas, dito de outra forma, trata-se da fusão de dois pensamentos em um conteúdo manifesto é considerada por Freud como algo extraordinário e está na essência do que vem a ser denominado condensação, o qual pode ser caracterizado também pelo fato que em uma representação única podem confluir todos os significados trazidos pelas cadeias associativas que se cruzam ali.

O mecanismo de deslocamento por sua vez é tratado por Freud como uma modificação e reordenamento. Segundo Rudinesco e Plon (1998), o deslocamento, por meio de um deslizamento associativo, transforma elementos primordiais de um conteúdo latente em detalhes secundários de um conteúdo manifesto. Para Freud, o deslocamento se faz manifesto de duas formas:

na primeira, um elemento latente não é substituído por um seu componente próprio, e sim por algo mais distante, isto é, por uma alusão; na segunda, a ênfase psíquica passa de um elemento importante para outro irrelevante, fazendo com que o sonho tenha outro centro, e assim pareça estranho (Freud 1916/2014, p. 190).

Através da atuação dos mecanismos de condensação e deslocamento, o conteúdo denominado por Freud como importante, que anteriormente encontrava-se inconsciente, se faz representar na memória sob outra forma ou configuração, sendo em alguns momentos considerado irrelevantes, o que possibilita que tal conteúdo seja admitido na consciência. Durante esse percurso, podemos observar um Freud preocupado em demonstrar que os atos falhos, assim como os sonhos, são resultados do trabalho inconsciente, os quais por sua vez seguem operadores específicos, condensação e deslocamento.

## 2 ACTING OUT

A díade ato e fala se faz presente na psicanálise desde Freud quando esse iniciou seus estudos a respeito do inconsciente. Lacan retoma a concepção freudiana e destaca que “o ato é, por sua própria dimensão, um dizer” (Lacan, 1967-68). Assim como os atos falhos, onde há um saber inconsciente, há outras duas modalidades de atos que são foco de estudo da psicanálise, podemos destacar o *acting out* e passagem ao ato (Calazans e Bastos, 2010).

Inicialmente na teoria psicanalítica, os conceitos passagem ao ato e o *acting out* eram usados indistintamente sendo denominados por um único termo, *agieren* (Freud, 1905/1996), sendo que posteriormente, com a sua tradução para a língua inglesa, passam a ser chamados de *acting out*.

O termo *agieren* é apresentado pela primeira vez por Freud (1905/2016) ao tratar do caso Dora, apresentado no texto *Fragmento de análise de um caso de histeria*. Freud concebe o encerramento precoce do tratamento pela paciente como uma forma deslocada de vingança, na qual ela revida o abandono que sofrera por parte do Sr. K: “ela se vingou de mim como quis se vingar dele e me abandonou, tal como acreditou haver sido enganada e abandonada por ele. Assim ela atuou uma parte essencial de suas lembranças” (Freud, 1905/2016, p 316). Nesse momento, Freud afirma que Dora *atuou* uma parte essencial de suas lembranças e fantasias, em vez de reproduzi-las no tratamento sob forma de lembrança verbalizada. Ele chega a supor que o desfecho teria sido diferente caso tivesse advertido Dora a respeito: “Agora você fez uma transferência do sr. K. para mim” (p. 315). Percebe-se que já aqui Freud intuía uma relação especial entre o ato e uma interpretação que não foi pronunciada.

A amplitude do uso do termo atuação, ou *acting out*, pode ser encontrada nas descrições realizadas por alguns autores. Podemos citar aqui como exemplo Etchegoyen (2004), que traz a atuação relacionada ao movimento de expulsão como uma forma de descarga, alívio de tensão. Seguindo a mesma lógica, Laplanche e Pontalis (2001) afirmam que o termo *acting out* vem sendo utilizado em psicanálise para ações que apresentam caráter impulsivo, isolável em relação à conduta usual, que toma muitas vezes uma forma auto ou hetero-agressiva. Por meio dos apontamentos trazidos pelos autores é possível perceber a proximidade da conceituação do *acting out* com a passagem ao ato.

Autores como Dale Boesky (1998) em seu texto *Acting Out: A reconsideration of the Concept*. informa que o termo *acting out* tem sido usado para descrever uma grande variedade de comportamentos, que vão desde “comportamento criminal, delinquência, adicções a drogas,

neuroses de caráter severo, perversões sexuais, a tendência geral de seres humanos a eventualmente se comportar de forma irracional” (p. 39). Segundo o autor o termo seria também utilizado para descrever uma ampla diversidade de comportamentos dos pacientes durante o curso do tratamento psicanalítico sendo considerado como sendo aplicado de forma muito frouxa.

Em *Recordar, Repetir, rememorar* (1914), é possível novamente encontrar a referência ao termo *agieren*. A noção de *acting out* aparece relacionada à repetição, em um momento do tratamento em que o paciente não recorda do que esqueceu e reprimiu, mas o expressa por meio da atuação, assinalado como *acts it out*. Assim como ocorre no mecanismo dos atos falhos, onde o conteúdo inconsciente emerge à consciência por meio do ato, no *acting out* o que foi reprimido, e encontra-se no inconsciente, emerge à consciência por meio da atuação, “ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem, naturalmente, saber que o está repetindo” (Freud, 1914/1996, p.165). Vemos desse modo que, ao contrário da recordação, que está do lado da lembrança, a repetição está do lado da atuação, os quais por sua vez são atualizados na análise. Trata-se de uma forma *sui generis* de recordação, na qual a memória retorna pela via de um impulso motor, e não pela via da palavra.

Na análise quando o sujeito é evocado a recordar, “fale tudo que lhe vem à cabeça”, e nesse momento lhe faltam as palavras, o mecanismo da resistência se faz presente. Tal cenário é o que possibilita que o sujeito repita, atue, a ação a qual não está conseguindo colocar em palavras. O rememorar (*Erinnem*) e o atuar (*Agieren*) são efeitos da repetição, ambos se apoiam na transferência para produzir uma significação, contudo se o primeiro se apoia na transferência para produzir significação, a atuação parece colar-se na resistência (Costa, 2010).

Há ainda que se destacar a dualidade transferência e repetição, uma vez que a transferência é considerada por Freud (1914/1996) um fragmento da repetição, e a repetição é uma transferência do passado esquecido. Vale ressaltar que a temática da transferência será tratada em uma sessão específica a mesma. Entretanto nesse momento é importante sublinhar o papel da transferência, a qual não é simplesmente, aquilo que reproduz e repete uma situação, um ato, uma atitude, um trauma antigo, ela é aquilo que manifesta, na experiência, a atualização da realidade do inconsciente no que ela é sexualidade (Lacan, 1962-63/2005). Ele traz ainda que a “repetição é algo que, em sua verdadeira natureza, está sempre velado na análise, por causa da identificação da repetição com a transferência na conceitualização dos analistas”. (Lacan, 1964/2008, p. 59). Freud e Lacan destacam o caráter relacional da transferência com a repetição, uma vez que a repetição se apresenta de forma velada, ou desvelada na relação transferencial

com o analista. Pela via da transferência que Freud se aproxima das questões referentes a resistência.

A temática da repetição é tratada por Freud (1920/2011) quando esse se refere aos jogos infantis em especial no caso *for-da*, por meio do qual é possível perceber que a repetição de situações que geraram desprazer se fazem presentes, Freud (1920/2011) destaca que estas situações, as quais poderiam ser pensadas como estando sob o domínio do princípio do prazer, não são apenas lembradas ou viraram sonhos, mas elas são repetidas pelo sujeito. A repetição dessas situações que geraram desprazer e podem ser vistas “como uma tentativa de se apoderar da situação, de vivenciar de forma ativa algo que antes foi vivenciado de forma passiva”. (Caropreso e Simanke, 2006, p. 217).

Até o ano de 1914 a temática da repetição é considerada por Freud como uma proximidade com o *acting out*, “quanto maior a resistência, tanto mais o recordar será substituído pelo atuar” (Freud, 1914/1996, p.150). Contudo é importante destacar que o *acting out* não é sinônimo da compulsão a repetição, apesar de no texto de 1914, Freud não fazer nenhuma distinção entre eles. Sendo necessário, nesse momento, uma maior distinção entre os dois termos, iniciando por uma explanação sucinta a respeito do termo repetição e compulsão a repetição.

O conceito de compulsão a repetição esteve presente nas construções teóricas de Freud desde *o Projeto para uma Psicologia Científica*. Nesse texto Freud trabalha questões como o princípio do desprazer que mais tarde ele alteraria o nome para princípio do prazer. Caropreso e Simanke (2009) destacam que tal temática se fazia presente nos escritos iniciais de Freud, havendo referência a ideia de uma atividade psíquica, a qual seria mais tarde tratada com a terminologia de compulsão a repetição.

Ao estudar a respeito da atividade psíquica, Freud demarca a existência do inconsciente, cujos conteúdos foram recalçados e estariam referenciados a desejos sexuais infantis os quais foram sentidos como desprazerosos pelo sujeito. A via de acesso de tais conteúdos a consciência ocorre por meio dos sonhos e dos atos falhos.

O destaque dado por Freud (1900/1996) ao processo de recalçamento e o seu retorno a consciência, pode ser pensado como o início do processo do pensamento freudiano acerca da repetição o que é retomado por ele no texto de 1914. O sujeito não recorda do que foi reprimido, esquecido, entretanto, tal conteúdo retorna a consciência por outras vias, a da repetição. O sujeito não reproduz como lembrança, ele repete sem saber que o faz (Freud, 1914/1996).

No texto *Repetir, recordar e elaborar*, Freud (1914/1996) reflete a respeito das situações apresentadas por seus pacientes, os quais não recordam das experiências vivenciadas na infância, mas as reproduzem em forma de repetição na vida adulta, substituindo o impulso à recordar. Tal movimento ocorreria não apenas na relação analítica, mas também na vida do sujeito, o qual estaria relacionado a outro mecanismo, o da resistência “quanto maior a resistência, tanto mais o recordar será substituído pelo atuar (repetir)” (Freud, 1914/1996, p. 150).

Ao considerar que a compulsão a repetição estaria atribuída ao reprimido inconsciente Freud demarca a importância do trabalho terapêutico, o qual tem a função de um afrouxamento da repressão. A análise possui um papel fundamental, ela possui a função, além de afrouxar a resistência, de “domar”, ou melhor, confrontar a compulsão a repetição.

Para Lacan (1964/2008) a repetição é algo que está velado na análise, devido a sua identificação com a transferência, ele questiona a relação da transferência e a repetição, bem como acerca da realidade apresentada pelo paciente na transferência. O que há na transferência enquanto um dito do sujeito, que devido à repetição é desvelado, considerando tais apontamentos ele destaca que a repetição possui a função de apontar algo da ordem do inconsciente, por meio desse apontar, é possível ao analista localizar um caminho por onde deve trabalhar.

Retomando a proposição Freudiana que trata da compulsão a repetição como referenciado a conteúdos inconscientes, Lacan (1962-63/2005), desta que o analista não deve tomar as coisas ao pé da letra, mas sim escutar os indícios envolvidos no movimento da repetição, uma vez que para ele a repetição refere-se a algo que em sua verdadeira natureza, está sempre velado em análise. O trabalho do analista tem por finalidade a diminuição das repetições, bem como dos sintomas apresentados pelo analisando.

Fink (1997) destaca que toda repetição implica, o retorno de alguma coisa que seria diferente da segunda vez, se não fosse o significante, o retorno do mesmo é possível, devido à ação do significante, o qual possibilita que a repetição realize o movimento de busca, a qual visa atingir seu objetivo. Lacan (1964/2008) chama a atenção que para tal busca o sujeito utiliza-se da série significante, do encadeamento significante. É pela via do significante que é permitido o estabelecimento de uma série metafórica e metonímica ao longo do qual o desejo pode deslizar.

Lacan recorre aos termos estabelecidos por Aristóteles (*Automaton* e *Tique*) para contextualizar a respeito da repetição, descrevendo a *Tique* como o encontro com o real, o qual

não está situado no nível do pensamento, mas no nível onde a fala oracular produz não-senso. O *Automaton*, segundo Lacan (1964/2008) refere-se ao desdobramento no inconsciente da cadeia significante, ele está relacionado com a cadeia significante.

Utilizando-se desses dois termos, e suas articulações na vida dos sujeitos ele destaca novamente o papel do significante sendo que esse substitui ou representa um real que não pode falar por si, é a natureza não representacional do real que acarreta a repetição, exigindo que o sujeito volte ao lugar de objeto perdido, da satisfação perdida. O sujeito volta repetidamente ao lugar da ausência, na esperança de conseguir a COISA Real, porém não a encontra.

Como é possível perceber, na compulsão a repetição há o movimento do sujeito de atingir o alvo, de voltar ao lugar do objeto perdido, contudo ele nunca retorna ao mesmo lugar. A compulsão a repetição é a tentativa de trazer o que foi recalçado e que não está acessível ao sujeito, a não ser pela forma de retorno, pela repetição.

Retornando a relação entre a repetição e o *acting out*, Rudge (2008) destaca que o *Acting out* seria a tendência a repetir, padrões e experiências infantis, em vez de recordá-las. Tal fato é, segundo a autora, em decorrência da intensificação da resistência, e o caráter erótico e hostil da transferência. O que possibilita pensar que a repetição se faz presente também no *acting out*.

A proximidade repetição e *acting out*, deve ser analisada considerando o que o *acting out* é uma ação, uma via de expressão, de algo que não foi lembrado, o que ocasiona no movimento do sujeito em atuar, uma busca por dizer algo. Conforme destaca Lins e Rudge (2012) “assim o *acting out* não é pura expressão da repetição, ele também possui o valor de um endereçamento. Trata-se de uma mensagem dramatizada para o outro” (p, 47).

A repetição possui a natureza de exigir do sujeito que retorne ao lugar perdido, na busca pelo objeto perdido, da satisfação perdida, na esperança de conseguir a coisa real mas não a encontrando (Fink, 1997). Fink (1997) e Brodsky (2004) descrevem que a tarefa da repetição é insistir, do que emerge, é impossível, pois o sujeito nunca encontra o objeto perdido, entretanto a repetição insiste, ela não cessa de repetir.

Tanto a repetição e o *acting out* são movimentos do inconsciente, elas possuem parcelas inconscientes, entretanto os dois não podem ser pensados de maneira similares, ou nas palavras de Brodsky (2004) “nada mais antagônico a estrutura do ato que a repetição” (p 35).

Até o ano de 1920, Freud tratou a relação entre atuação (*acting out*) e repetição como similares, sendo que em 1938 (*Esboço de Psicanálise*) ele evidencia uma mudança de perspectiva. Nesse texto, Freud altera seu posicionamento, o qual considerava o *acting out*

enquanto ligado a repetição, e ocorreria no âmbito analítico, passando então a tratar o *acting out* como sendo a atuação do paciente que se processa fora da situação analítica.

Rudge (2008) traz que *acting out* ocorre fora da situação analítica, e que tal fato gera imprecisão no trato desse conceito, sendo considerado por alguns autores como sendo processado fora da transferência. O *acting out*, nos lembra Lacan (1962-1963/2005) “é o começo da transferência” (p. 140), é a transferência selvagem.

Para que haja transferência, não é necessária análise, entretanto a transferência sem análise é o *acting out*, este sem análise é a transferência, transferência selvagem (Lacan, 1962-1963/2005). A transferência selvagem é nomeada em virtude de sua ocorrência fora do âmbito analítico, não está submetido às regras da análise.

Ao tratar a respeito da transferência selvagem, Lacan (1962-1963/2005) utiliza como exemplo os animais selvagens, ele questiona como se domestica um cavalo selvagem, como se coloca arreio nele, ou ainda como fazer para um elefante selvagem entrar no cercado. Tomando como exemplo indagações, ele remete-as a situação analítica, refletindo a respeito de como domesticar a transferência selvagem, e concomitantemente como agir com o *acting out*, o qual, assim como a transferência selvagem ocorre fora da situação analítica.

Ao situar o *acting out* referenciado a transferência selvagem, em paralelo ao animal selvagem, Lacan (1962-63/2005) a situa no lugar do que precisa ser domesticado, ou seja, trata-se da transferência que precisa ser domesticada. Lacan (1962-63/2005) considera que o analista em sua tarefa de domesticar a transferência selvagem – no endereçamento ao Outro – cabe, mediante seu ato, restitui ao objeto o seu lugar causa de desejo.

Como forma de auxiliar na elucidação a respeito do trabalho analítico no *acting out* podemos destacar que na oposição ao sintoma encontramos o *acting out*, conforme destaca Lacan (1962-63/2005, p. 140). “O sintoma por natureza (...), não precisa de vocês, ele se basta”. Com base nessa citação, podemos destacar a diferença existente entre ambos, em especial no que compete a interpretação, uma vez que no sintoma a interpretação é possível, com a condição de que está se dá mediante o estabelecimento da transferência. No caso do *acting out*, este clama por interpretação que viria do Outro, ele é um apelo ao Outro, o que por sua vez não se faz presente no sintoma.

O endereçamento ao Outro presente no *acting out* é reafirmado por Freud (1920) quando esse apresenta o caso da jovem homossexual, em especial no momento em que ele afirma que é aos olhos dos outros que se exhibe a conduta da moça. A seguir vamos fazer a contextualização do caso, e sua reflexão no que tange ao *acting out*.

O caso em questão referente à jovem Sidonie Csillag, cujo nome verdadeiro é Margarethe Csonka-Trautenegg, o qual só foi revelado no ano de 2004<sup>3</sup>, o nome fictício Sidonie foi utilizado como referência na descrição biográfica da jovem (Rieder e Voigt, 2008). Conforme relata Freud, trata-se de uma bela e inteligente garota com idade de dezoito anos, que pertencia a uma família burguesa de origem judia, de elevada posição social. A jovem iniciou um relacionamento com uma mulher de 34 anos, a qual era tratada com desdém uma vez que era considerada uma dama com má reputação. A referida dama, se relacionava com homens e mulheres, contudo tal situação não perturbava Margarethe, a qual mesmo diante das proibições da família, continuava a visitar a dama. Segundo Freud, os pais não souberam descrever até que ponto o relacionamento entre as duas chegou, se já havia ultrapassado o que ele chamou de entusiasmo carinhoso. Durante o referido período, os pais não haviam percebido o interesse da jovem por homens.

Em uma tarde a jovem passeava em companhia da dama, próximo ao local onde seu pai trabalhava, conforme descreve Freud, a jovem tinha conhecimento que aquele era o caminho por onde seu pai passava, tal atitude da jovem ocasionou o encontro com o pai. No momento do encontro este passou por elas e lançou lhes um olhar furioso. A dama ao perceber tal situação também manifesta sua desaprovação quando a continuidade do relacionamento, diante de tal cenário a jovem sai correndo, e se joga sobre a mureta dos trilhos do trem lhe causando alguns ferimentos. Após o ocorrido, os pais da jovem buscam Freud para que atenda a mesma.

Tal caso é utilizado por Freud para ilustrar o mecanismo do *acting out*, considerando principalmente a ação da jovem de mostrar-se ao pai. Lacan (1962-63/2005) retoma o caso e faz uma importante distinção, separando dois momentos. A atitude da jovem de cometer suicídio seria uma *passagem ao ato*; porém o fato de a jovem aventurar-se com uma dama de atitude duvidosa, fazendo assim questão de se mostrar ao pai, seria um *acting out*.

A escolha amorosa é tratada por Freud como um protesto da jovem lançado contra o pai, corroborado pela escolha das mulheres com quem se relacionava, “nunca eram mulheres com fama de homossexuais, que lhe oferecessem a perspectiva de uma satisfação desse tipo; ela antes cortejava, illogicamente, mulheres cocotas no sentido comum da palavra”. (Freud, 1920/2011, p 118). A sua escolha por mulheres cuja fama não era homossexual era tal, que inclusive recusara algumas investidas que recebera de sua amiga homossexual, de mesma idade que a jovem.

---

<sup>3</sup> nesse texto será utilizado como referência o real nome da jovem

A condição necessária de amor, apresentada pela jovem, é que a dama deveria possuir má reputação. Ao descobrir que a dama possuía tal designação (de cocota ou malafamada), vivendo simplesmente de entregar o próprio corpo, a jovem reagiu com enorme compaixão e desenvolveu fantasias e planos de salvar a dama de tal situação. Tal atitude sugere uma posição masculina como aponta Calligaris (2005) a respeito do desejo de um homem que se apaixona por prostitutas (e planeja "redimi-las"), tal desejo segundo ele, é sustentado por uma fantasia (inconsciente) de vingança contra elas e contra eles, que deixaram-se seduzir. Segundo o autor, quando um homem ama e se casa com uma prostituta seu ressentimento pode se calar momentaneamente, pois em algum momento ele vai puni-la por ter sido e ser para sempre a “puta” que vai com os outros homens. Tal fato poderia estar relacionado ao desejo infantil que um menino possui relacionado ao fato da mulher que se deita com outro homem, entretanto tal temática não é o foco do presente estudo e desta forma não iremos explorá-lo em sua exaustão, tal contexto é usado para discutir a respeito da posição que a jovem demonstra e sua relação com seu *acting out*.

O *acting out* possui o caráter de mostração, conforme apresenta Lacan (1962-63/2005, p. 137), “é essencialmente, alguma coisa que se mostra na conduta do sujeito”. No caso da jovem, Freud destaca o papel masculino, que é tratado por Pinho (2002), como apresentando humildade e supervalorização do objeto sexual, característico do papel masculino, associado à renúncia a toda satisfação narcísica e a preferência em ser amante e não amada. Durante a análise da jovem a posição masculina é destacada, Margarethe apresenta a conduta de um cavalheiro, que se sacrifica em detrimento da amada, no caso da jovem, as condições de vida disponibilizadas por sua família.

Ao passear ostensivamente com a dama, e em especial andando pelo mesmo trajeto que o pai fazia, é possível destacar que a jovem assume, desta forma, uma ação direcionada ao pai. Tal fato é referenciado por Freud (1920/2011) ao momento anterior da vida psíquica da jovem, o qual é caracterizado pelo fato de Margarethe preferir ter um filho do pai, trata-se da hipótese Freudiana de que a jovem reviveu o complexo de Édipo. Durante a puberdade o desejo fálico se expressa sob a forma do desejo inconsciente de receber do pai um filho. Porém o pai acabará tendo um novo bebê com a rival da jovem, sua mãe; fato que fará a jovem, decepcionada, virar as costas para o pai e para todos os homens, repudiando o desejo de ter um filho e também qualquer papel feminino.

Freud nos artigos *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925), *Sexualidade feminina* (1931) e *Conferência XXXIII - Feminilidade* (1932),

destaca que diante da castração a menina se volta para o pai como objeto de amor, entretanto a situação feminina se concretiza se o desejo de possuir um pênis for substituído pelo desejo de ter um bebê, assim o pai seria detentor do falo, e o qual poderia dar a menina um filho, o substituto simbólico do falo.

A lógica postulada por Freud é retomada por Lacan (1962-1963/2005), quando este trata do caso da jovem. Ele destaca que o desejo de ter um filho, não está relacionado à necessidade materna, mas sim como “um sucedâneo de algo que, nesse ponto, combina plenamente com nossa dialética do corte e da falta, do *a* como queda, como faltante” (Lacan, 1962-63/2005, p. 138). É possível questionar o movimento da jovem em direção ao não querer se haver com a falta e ainda, se a falta (objeto *a*) não retorna em ato. A mostraçãõ em jogo nesse *acting* envolve uma censura a esse pai por não saber amar ou por amar tão mal, ao passo que ela, a filha, pode ensiná-lo como é possível amar um ser em falta (a dama repudiada pela sociedade).

O caráter velado do *acting out* é velado apenas para o sujeito na medida em que isso é decifrado e/ou interpretado pelo outro, ou seja, o *acting out* é velado, mas não de todo, uma vez que se endereça ao Outro por via da mostraçãõ, “algo é mostrado, fora de qualquer possibilidade de rememoraçãõ e fora de qualquer levantamento de um recalque” (Pinho, 2002, p. 16). No caso da jovem homossexual, o ato foi endereçado ao Outro, representado pelo pai. O Desejo de ter um filho do pai, enquanto falo, é revelado por meio do *acting out* (Pinho, 2002).

Em outro caso, a mostraçãõ, o endereçamento ao Outro também se faz presente, trata-se do caso de um paciente que foi atendido por Ernst Kris (um dos expoentes da psicologia do ego), e posteriormente Lacan retorna ao caso em textos como *introdução ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “Verneinung” de Freud* (1954), Seminário *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1954-55) e no seminário *a Angústia* (1962-63).

Em seu texto publicado em 1951 com o nome *Psicologia do ego e interpretação na terapia psicanalítica*, Ernst Kris apresenta o caso de um homem de aproximadamente trinta anos, um intelectual, que ocupa uma posição universitária elevada e que almeja crescer na carreira, conseguindo uma posição maior. Tal ascensão profissional seria possível mediante a publicação das investigações realizadas por ele, e é justamente uma inibição que o impede de tornar públicas suas ideias o motivo que o levou a retornar à análise.

O paciente havia feito seu primeiro tratamento com a psicanalista Melitta Sehnideberg, filha de Melanie Klein. Segundo Kris, na sua primeira análise o paciente havia aprendido como o medo e a culpabilidade o havia impedido de ser produtivo. Ao descrever o

caso ele cita que a primeira análise possibilitou ao seu paciente identificar em que consistia sua necessidade incessante de roubar, a qual havia se manifestado desde cedo, sob forma do roubo de guloseimas ou livros, entretanto o mesmo não discorre a respeito dos fatores presentes no processo de identificação.

Na segunda análise, a questão do roubo vem novamente à tona, sob forma de uma inibição no trabalho que o impedia de avançar na carreira, dessa vez trava-se de roubar as ideias de um jovem colega de trabalho. Estando o crescimento na carreira relacionado à publicação de suas investigações. Quando o paciente finalmente resolveu publicar seu texto, encontrou um livro, onde, segundo ele, estão todas as suas ideias referentes à futura publicação, o que lhe faz se questionar, se seria um plagiador. Teria ele roubado as ideias de um jovem e brilhante colega de trabalho?

O trabalho desenvolvido por Kris no tratamento de seu paciente visou inicialmente a exploração do fato do plágio. Ele solicita ao paciente que relate minuciosamente o texto que teme plagiar, buscando a veracidade do fato. Chega então à conclusão que o paciente não havia cometido plágio, e sim o tal colega. Tal atitude é alvo de críticas feitas por Lacan, o qual destaca que “não é o fato de seu paciente não roubar que importa” (Lacan, 1958/1998, p. 606), a questão não é a busca da verdade do fato, mas sim a verdade do sujeito, como destacado por Lacan (1958/1998), “é que ele não... Sem “não”: é que ele rouba *nada*. E era isso que teria sido preciso fazê-lo ouvir” (p. 606).

Kris (1951/1988) não teria percebido o que está por trás do conteúdo apresentado pelo paciente, uma vez que este insiste que o paciente não rouba. Ao pontuar que o paciente *rouba nada*, Lacan destaca a enunciação desse sujeito que é fantasmaticamente um verdadeiro *ladrão*, ainda que não o fosse em termos factuais.

Ernst Kris mantém durante o tratamento de seu paciente, sua postura a respeito do plágio, afirmando que o plágio ocorreu por parte do colega do paciente, e destaca ainda relação do paciente com o pai. Para Kris a postura do paciente trata-se de uma inibição, ele reitera que dentre todas as inibições que o paciente apresenta com relação ao trabalho, a identificação com o pai é a mais importante, assim o fator determinante para a inibição do paciente repousaria, segundo Kris (1951/1988), em uma identificação com o pai. Contrariamente ao seu avô, que era um homem inteligente e culto, o pai de seu paciente havia fracassado na tarefa de reconhecimento em sua área. Apesar de reconhecer o malogro do pai, o paciente desejara ter um pai idealizado, um pai à altura das circunstâncias (um *grand père* = grande pai = avô em

francês); por isso inconscientemente se interditava entrar em competição com esse pai fracassado.

Kris demarca o conflito edípico de seu paciente que apareceu através de um sonho, apresentado sobre a forma de uma batalha onde os livros eram armas, os livros que perdiam eram tragados. Tal momento possibilita ao paciente o relato da situação, na qual, por volta dos 4 a 5 anos, ele foi pescar com seu pai, momento que ambos faziam um jogo de comparações, competindo por quem conseguiria o maior peixe. Portanto, nessa cena mais antiga aparece claramente o impulso de competição com o pai.

Os desdobramentos do tratamento fluem até o momento em que Kris destaca a inclinação de seu paciente à roubar, a qual havia tomado toda espécie de giros e estava disfarçada durante a fase de latência e adolescência, momento em que ele efetuara alguns roubos, conforme sustenta ele, um deslocamento havia se operado. Ele escapará a esses impulsos censuráveis pela via de uma inibição profissional. Kris afirmará então ao paciente que, por essa razão, somente as ideias dos outros são interessantes, (como no jogo de comparação onde o peixe do pai era melhor, o paciente relata a mesma situação na relação do avô, que era mais produtivo que o pai), e continua, que o mesmo necessitaria encontrar a forma adequada para então tomar posse destas. Rudge (2008) salienta que o *Acting out* seria a tendência a repetir, padrões e experiências infantis, em vez de recordá-las.

Após a intervenção o paciente fica em silêncio e relata o momento no qual ao meio dia, após sair da sessão, ele vai a uma rua onde há vários restaurantes e lá o mesmo come seu prato favorito, miolos frescos.

Ao estudar o caso, Lacan (1953-54/1996) faz alguns apontamentos, dentre eles referente à relação que o paciente de Kris tinha com o pai, e posteriormente o desdobramento dessa interpretação. Segundo Lacan “Incontestavelmente, a interpretação é válida” (1953-54/1996, p. 75), contudo “é importante ver através de que o sujeito reage a ela” (Lacan, 1953-54/1996, p. 75), ou seja, de que modo ele receberá a interpretação. O resultado será o relato do paciente a respeito das comparações, conforme destacado acima, seguido de silêncio e posteriormente o anúncio de que gostava de comer miolos frescos.

Ao tratar do caso, no seminário *Os escritos técnicos de Freud*, Lacan aponta, “você veem aí que uma resposta é colocada por uma interpretação justa, a saber, um nível da palavra simultaneamente paradoxal e pleno na sua significação” (Lacan, 1953-54/1996, p. 76). Contudo ele reporta ao fato do caráter superficial da intervenção de Kris, o que Lacan chamou de tomada das coisas pela superfície. Tomar a coisa pela superfície ou, a interpretação pela superfície,

refere-se ao fato de que Kris se interessa pelo que passou e pelo que há no artigo (Lacan, 1953-54/1996). Kris fica no nível do enunciado e não da enunciação. O enunciado enquanto o que se diz, a enunciação é o que se quer dizer com o que se diz, a enunciação fica a nível da verdade do sujeito ela é um efeito da verdade sobre o enunciado (Oliveira, 2007)

Todo o problema aqui é que a interpretação do analista, apesar de válida, porta a pretensão de dizer toda a verdade do sujeito, que é deixado assim sem ponto de opacidade. É no registro de uma pesquisa exaustiva que ela se situa: descarta-se primeiro a veracidade factual, depois busca-se o nexos com a história do sujeito, tudo isso de uma forma que não dá lugar à lacuna, a algo não dito, a enunciação.

O caso clínico apresentado por Ernst Kris, evidência o ato de seu paciente ao comer miolos frescos após o final das sessões, tal ato pode ser interpretado como uma ação do paciente na busca de retificar a interpretação realizada pelo analista, a ação é direcionada ao analista. O *acting out* é direcionado ao Outro, contudo, à medida que o analista ocupa esse lugar, do Outro, o *Acting Out* é direcionado a ele, (Lacan, 1962-63/2005). A ação do paciente de Kris possibilita pensar que o *acting out* denuncia algo da ordem do desejo.

Ao considerar o *acting out* como da ordem do desejo é importante destacar que, “o desejo é aquilo que se manifesta no intervalo cavado pela demanda, na medida em que o sujeito, articulando a cadeia significante, traz a luz a falta-a-ser como o apelo de receber seu complemento do Outro” (Lacan, 1958/1998, p. 633). O movimento pode ser pensado no sentido do objeto se presentificar em direção ao Outro, como uma atuação simbólica, que porta uma mensagem cifrada. O sujeito por sua vez ocupa esse lugar de objeto endereçado ao Outro, um apelo ao Outro, ele aparece como objeto causa de desejo. Miller (2014) complementa a proposição Lacaniana acentuando que no caso do *acting out* o sujeito se põe a agir diante do Outro, é preciso o Outro, o espectador.

A relação, ou interação do sujeito com o Outro, possibilita o surgimento de um resto, esse resto é o objeto *a*. No *acting out*, o sujeito faz o movimento de apresentar o objeto *a*, mostrar esse resto, sua queda, é o que sobra nessa história do sujeito com o Outro (Lacan, 1962-63/2005). Tal resto sinaliza que, apesar do empenho do analista em mostrar a verdade, a questão que o paciente apresenta não é tocada, restam os miolos frescos os quais são demonstrados ao final da sessão (Lacan, 1962-63/2005). Resta isso que é da ordem do desejo, e que então é atuado no laço com o analista.

Da mesma forma como ocorre no mecanismo dos atos falhos, onde o conteúdo inconsciente emerge a consciência por meio do ato, no *acting out* o que foi reprimido, e

encontra-se no inconsciente, emerge a consciente por meio da atuação, “ele o reproduz não como lembrança, mas como ação” (Freud, 1914/1996, p.165).

A noção de *acting out*, conforme destaca Lins e Rudge (2012) começou a se formar a partir do conceito de ato falho, e posteriormente com a evolução da teoria, Freud o aproxima das concepções de compulsão a repetição e transferência. Lacan ao entender o estudo do *acting out* aponta para a característica essencial do *acting out*, a mostração, a atuação, sendo dessa forma considerado como um ato direcionado ao Outro, na busca por interpretação. O que no ato falho é da ordem do erro, do equívoco, do lapsos, no *acting out* se dá na forma da atuação, da dramatização ao Outro.

## 2.2 TRANSFERÊNCIA EM LACAN.

“No começo da psicanálise está a transferência”

(Lacan, 1967/2003, p.252).

Conforme verificado o conceito de *acting out* foi referenciado por Freud ao ato de repetir uma situação do passado que foi recalçada. Entretanto ele não é a pura expressão da repetição, pois também possui o valor de um endereçamento, é uma mensagem encenada ao Outro. Em decorrência da proximidade entre repetição e o *acting out*, Freud o relaciona com a transferência, fazendo um adendo, de que o mesmo ocorreria fora da transferência. Lacan retoma a questão destacando a articulação entre o *acting out* e a transferência, situando-o como a transferência selvagem.

O termo transferência selvagem é referenciado por Lacan (1962-1963/2005) como o “começo da transferência” (p. 140), caracterizado pelo endereçamento de uma mensagem que se diz ao Outro, porém não há uma resposta ao sujeito, trata-se da transferência sem a interpretação do analista, é a transferência sem análise. Conforme apresenta Lacan (1962-63/2005) “a transferência sem análise é o *acting out*. O *acting out* sem análise é a transferência” (p. 140).

Baseado em tal prerrogativa, se faz necessário debater a respeito do conceito de transferência a partir do proposto por Lacan. Para tal, partiremos de uma questão fundamental colocada por Lacan, com relação à transferência, “o que é?” (Lacan, 1967/2003, p. 252). O questionamento de Lacan, refere-se à compreensão a respeito da transferência, considerando que a transferência criaria uma objeção à intersubjetividade, é o seu obstáculo, ela a refuta,

(Lacan, 1967/2003). A transferência é considerada por Lacan (1964/2008) como um fenômeno essencial, descoberto por Freud e que está ligado ao desejo como fenômeno nodal do ser humano. Ela é um termo que foi importado por Freud de seu aparelho psíquico, na qual trata-se de operar com um desejo sobre um saber.

Segundo Freud (1912/2010) a transferência designa a inclusão do analista nas séries psíquicas, séries que provem das imagens do paciente. Ele destaca que pela via da transferência o sujeito re-atualiza em suas relações, traços que estavam presentes na sua infância e na relação com os genitores. No âmbito analítico tais conteúdos emergem e são direcionados ao analista, que em virtude de sua inclusão nas séries psíquicas, é colocado no lugar dos genitores.

Em *Direção do tratamento* (1958/2008) Lacan discorre acerca da postura do analista, estando ele em posição do que lida com todas as articulações da demanda do sujeito, mas só deve responder a partir da posição que ocupa na transferência. Com tal colocação Lacan (1958/2008) trata a respeito da demanda e sugestão, a qual estaria relacionada a uma postura de redução emocional. Considera a demanda como “aquilo que se coloca entre parênteses na análise, estando excluída a hipótese de que o analista satisfaça qualquer uma” (Lacan 1958/2008 p. 647). Desta forma, responder a demanda em análise não instala a transferência, mas passa a ser sugestão, segundo Lacan (1958/2003), o analista lida alternadamente com todas as articulações da demanda do sujeito, mas deve responder somente a partir da posição da transferência.

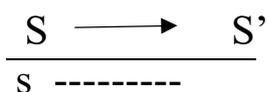
Baseado no seminário de Lacan *os quatros conceitos fundamentais da psicanálise*, Miller (1987) destaca a transferência adquire três diferentes valores, repetição, resistência e sugestão. Lacan (1964/2008) considera que a repetição, resistência e sugestão, são fenômenos transferências que giram em torno de um ponto que constitui o fundamental na transferência, esse ponto em comum, Lacan concebe como o sujeito suposto saber.

Para Lacan a transferência está vinculada ao grande Outro, o qual na análise é estabelecido pela forma de demanda, demanda direcionada ao analista, “a transferência é o vínculo com o Outro estabelecido pela forma de demanda a que a análise dá lugar” (Lacan, 1958/2003, p. 179). No texto *Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos*, Lacan pontua que a comunicação na análise se dá pela via que transcende o sentido, que provem da suposição “de um sujeito no saber inconsciente, ou seja, no ciframento. Foi o que articulei sobre o sujeito suposto saber” (Lacan, 2003, p. 555), em outro texto ele traz que “o sujeito Suposto Saber, é para nós o eixo a partir do qual se articula tudo o que acontece na transferência” (Lacan, 1967/2003, p. 253).

O termo de Sujeito suposto saber não é um conceito formulado por Freud, apesar de encontrarmos indícios a respeito. Tal conceito é uma inovação proposta por Lacan para explicar a relação do sujeito na transferência, o que o faz peça fundamental para compreensão da mesma, “desde que haja um lugar de sujeito suposto saber, haverá transferência” (Lacan 1964/2008, p.220).

Como forma de exemplificar o Sujeito suposto Saber, Lacan (1964/2008) recorre a Freud, não a nenhum conceito freudiano, mas a figura de Freud na psicanálise, “no que concerne ao que é do inconsciente, era legitimamente o sujeito que a gente poderia supor saber, põe a parte tudo que foi da relação analítica, quando engajada por seus pacientes com ele” (Lacan, 1964/2008, p. 220). Freud seria a representação do Sujeito suposto Saber, não apenas suposto, mas ele sabia e compartilhou esse saber, o qual se perpetua até os dias atuais, esse seria o exemplo de Sujeito suposto Saber. Lacan complementa essa afirmação destacando a posição do analisa, a função, concomitantemente, o prestígio de Freud estão no horizonte da posição de analista.

O sujeito suposto saber, suposto por quem? Por outro sujeito? Para compreender a lógica do sujeito suposto saber é necessário articulá-la a lógica significante, “um significante representa um sujeito para outro significante. (...) O sujeito é de fato suposto aí” (Lacan, 2003, p. 574). Como forma de compreensão, utilizaremos os esquemas lacanianos, iniciando com o esquema abaixo:



*ILUSTRAÇÃO I*

Nesse esquema, Lacan inicia o desenvolvimento do que mais tarde chamaria de algoritmo da transferência, através dele, Lacan destaca a relação sujeito e significante, segundo ele “o sujeito é o significante da pura relação significante” (Lacan, 2003, p. 575).

A relação Sujeito, Suposto e Saber é apresentada, no esquema ao qual Lacan coloca o suposto sobre a barra, e o sujeito e o saber sob a barra, destacando a relação entre ambos e a presença da suposição em ambos, a suposição de sujeito e de saber.

## Suposto

Sujeito -----saber

*ILUSTRAÇÃO II - Sujeito Suposto Saber*

Tal esquema nos permite analisar a relação analista analisado. Segundo Lacan (2003) “Dois sujeitos não são impostos pela suposição de um sujeito, mas apenas um significante que representa, para algum outro, a suposição de um saber atinente a um significado, isto é, um saber tomado em sua significação” (p. 575).

O exemplo apresentado por Lacan coloca em evidência a posição do Sujeito suposto saber, suposto saber por outro, ou seja, há um outro que supõe o saber ao sujeito, no caso da análise, esse outro é o analisando. Um sujeito não supõe nada ele é suposto, suposto pelo significante que o representa para outro significante (Lacan, 1967/2003).

Tal situação é exemplificada por Lacan no algoritmo da transferência:

$$\frac{S \longrightarrow S^q}{s(S^1, S^2, \dots S^n)}$$

*ILUSTRAÇÃO III Algoritmo da transferência*

Nesse algoritmo Lacan (1967/2003) busca exemplificar a disjunção da função de Sujeito suposto Saber. Tal algoritmo é também chamado de matema da transferência, nele encontramos o significante sobre a barra (S), é o significante da transferência também chamado de significante do analisante, o qual se dirige para um significante qualquer (Sq), local que representa o analista, como o movimento do sujeito na escolha do analista. Lacan (1967/2003) define Sq como significante qualquer, pois o que está relacionado com esse qualquer é singular ao sujeito que se dirige a ele, um significante que particulariza o analista.

Da relação entre  $S \longrightarrow S^q$ , surge o sujeito (s), o resultante. O s estaria articulado aos significantes do saber inconsciente, representados entre parênteses pelo S1, S2.... Sn, o saber que se constitui no instante da suposição. O saber está sob a barra do recalque e é experimentado pelo sujeito como sendo um saber do analista, o analisante deposita no outro o saber suposto, mas que está localizado no próprio analisante “a ilusão que nos impele a buscar

a realidade do sujeito para-além do muro da linguagem é a mesma pela qual o sujeito crê que sua verdade já está dada em nós, que a conhecemos de antemão” (Lacan, 1953/1998, p. 309).

Para uma análise se constituir como tal Lacan (1967/2003) pontua que é necessário um terceiro elemento para além da dupla analisante e analista, o sujeito suposto saber, o significante introduzido pelo analisante no discurso que se instaura. Costa e Freire (2010) ao debaterem acerca do esquema trazem que o sujeito suposto saber seria uma consequência formal da articulação significante, o qual pressupõe dois cortes:

Num primeiro nível, (...) quer o analisante quer o analista não se confundem com o SsS: é o “significante da transferência”, S1, que supõe o sujeito para o “significante qualquer”, como S2. Num segundo, (...) a estrutura da linguagem faz objeção a apreensão fenomenológica, vale dizer, “compreensiva”, ao dispor, no efeito sujeito, um corte com a noção de intersubjetividade: o sujeito é efeito que emerge não entre dois sujeitos, mas, sim, desde os significantes que tomam a matéria como meio de sua incidência. (p. 81)

Conforme colocam os autores, no primeiro momento, seja por parte do analista ou do analisante, não há confusão com relação ao Sujeito suposto Saber. No segundo momento, derivado do primeiro, o sujeito surge como efeito de significante, “sujeito é o que o significante representa, e este não pode representar nada senão para outro significante: ao que se reduz, por conseguinte, o sujeito que escuta” (Lacan, 1964/2008, p. 849). Tal questão reafirma a instituição do registro significante.

Diríamos que se trata de considerar a inclusão de um sujeito (suposto saber), isto é, de uma representação entre significantes que permite a inscrição, no deslizamento da série significante (na associação livre), da referência ao objeto (ao real). O Sujeito suposto Saber entra como suporte ao sujeito na entrada em análise, ocasionando o que Lacan (1964/2008, p.245) chama de “em sua aparição mais comum efeito de transferência”. Segundo Lacan, o efeito de transferência é o “efeito de amor”, retornando a Freud para destacar que todo amor é referenciado ao narcisismo, “amar é, essencialmente, querer ser amado” (Lacan, 1964/2008, p.245).

Ao explicar o mecanismo da transferência, Lacan, assim como Freud, utiliza a articulação, com o Amor. Freud trata do amor normal recorrendo ao *Banquete* de Platão.

No seminário *A Identificação* Lacan trata a respeito do amor grego, colocando em jogo duas funções do amor, Érastès e Erômenos. Estando Érastès referenciado ao lugar daquele que ama, o amante, e Erômenos refere-se ao lugar do amado, para o qual o amor é dirigido, o objeto de amor. Na posição de Érastès, encontra-se localizada a posição de sujeito de desejo, desejante

do que lhe falta e que supõe no outro, o objeto amado. O objeto de amor, Erômenos, encontra-se na posição de desejado, sabe que tem algo que é objeto de amor do outro, entretanto não consegue identificar, localizar o que faz o outro desejar.

Ambas as posições portam em si um sem sentido, um *non-sense*, sendo Érastès portador da falta que busca no outro, entretanto não sabe o que lhe falta, em Erômenos encontramos uma não identificação o que faz o outro desejar. Lacan (1960-61/1992) coloca que “o que falta em um, não é o que existe escondido, no outro. Aí está o problema do amor” (p.46), o amor seria uma aposta no outro, uma metáfora, em seu sentido de articulação como substituição. Para amar é necessário que o sujeito se reconheça como faltoso “a significação do amor produz-se pela substituição da função do objeto amado pela função do amante” (p. 156).

Lacan recorda a passagem presente no texto de Platônico, marcada pela declaração de amor de Alcibiades direcionada à Sócrates. Platão descreve a cena da seguinte maneira: Alcibiades, acompanhado de seus companheiros, chega embriagado a casa de Agatão, local onde estavam reunidos Fedro, Pausânias, Protagoras, Erixímaco, Aristófanes e Sócrates para um banquete e então dialogar sobre o amor. Ao chegar na casa de Agatão, Alcibiades questiona se pode entrar, ao ser consentida sua presença ele senta-se. Em certo momento do banquete Alcibiades começa a tecer elogios de amor direcionado a Sócrates.

O movimento de Alcibiades (elogios de amor a Sócrates) faz com que Sócrates se direcione a Alcibiades e indique a ele, que este não o ama, mas sim Agatão, ocasionando a suposição de um direcionamento do amor de Alcibiades a outro. Lacan (1960-61/1992) traz que Alcibiades estaria na posição de Érastès, e coloca Sócrates no lugar de Erômenos. O movimento de Alcibiades foi a tentativa de fazer de Sócrates o submisso, o subordinado ao outro, subordinado ao objeto de seu desejo. Entretanto Sócrates não responde desse lugar, indicando a subordinação do seu desejo ao Outro. Sócrates designa para Alcibiades que seu desejo é para um outro: Agatão.

Ao transportarmos tal passagem à díade analista e analisando, podemos situar o sujeito da falta, o amante, na função do analisando, aquele que sofre os efeitos da falta e que encontra na significação do amor o endereçamento ao objeto amado, que por sua vez encontra suporte na função do analista. O Analista, assim como fez Sócrates, reconhece que não possui o objeto de amor que lhe é direcionado, entretanto, até mesmo para a continuidade do tratamento, e ao contrário de Sócrates, mantém inicialmente essa posição, mas o mesmo sabe que esse objeto não pode ser encontrado em lugar nenhum.

Ao apresentar o caso Dora, Freud evidencia o seu “tropeço” termo usado por Lacan (1960-61/1992), “ele se engana quanto ao objeto de desejo dela” (p. 242). A indicação de Freud do Sr K como objeto de desejo de Dora, e a identificação dele com Freud, ocasionou a atuação (*acting out*) de Dora. Freud não indica de que é a um Outro que o desejo de Dora está direcionado, que seu objeto de desejo é a Sra K. O momento de ruptura, a passagem ao ato de Dora, a bofetada proferida contra o Sr K, da prova de tal situação ocasionado pela destituição do objeto de desejo de Dora: a Sra K.

A posição do desejo é observada tanto no caso Dora como no texto de Platão, Lacan (1960-61/1992), onde afirma que a relação evidenciada “revela-se ali uma estrutura na qual podemos encontrar aqui que somos capazes, quanto a nós, de articular como fundamental naquele a que chamarei a posição do desejo” (p. 171). Alcibiades se referencia a Sócrates indicando que ele seria o portador do Agalma, o objeto de desejo.

O movimento de referenciar o objeto de desejo a outro, fez com que Alcibiades fosse possuído por um amor, sendo que o único mérito de Sócrates é designá-lo como amor de transferência e então remetê-lo ao seu verdadeiro desejo (Lacan, 1960-61/1992). Na análise, esse movimento é possível à medida que o analista se ocupa de fazer semblante, possibilitando que o analisando deposite sobre ele esse lugar de objeto de amor.

Para Lacan (2003, p. 555) a transferência é amor, uma forma nova desse sentimento que introduz a subversão, não porque seja menos ilusória, mas porque dá a si um parceiro que tem a chance de responder, o que não acontece com outras formas de sentimentos. Brousse (1995) traz que a transferência como amor é meramente o resultado da emergência da divisão subjetiva produzida pela associação livre. A autora retoma o fato destacando que Lacan, fala de amor de transferência como uma produção inconsciente.

Conforme destaca Dunker (2011), o amor é um afeto fundamental para a compreensão da transferência, não apenas por seu caráter de atualizar um afeto, dando força de realidade, mas sua gramática contém formas de negação que permitem descrever as diferentes modalidades de manejo da transferência. Segundo ele, o amor possibilita a ultrapassagem da díade amado amante, sendo possível transformá-lo em seu contrário, amor e ódio, e ainda a sua transposição, amor e indiferença. Em todas essas formas de manifestação de amor é possível localizar e articular com a dinâmica da transferência.

O campo da transferência é o lugar em que a atualização das repetições amorosas primárias prevalece (Lacan, 1957/2008). Poderíamos dividir o desenvolvimento do conceito de transferência em Lacan, seguindo duas vertentes, a do Amor, e do Automatismo de repetição.

Entretanto como traz o próprio Lacan, não há distinção, ambas fazem parte de uma mesma questão, a de se destacar a transferência, a qual se apresenta na análise e remete-se ao inconsciente. Segundo Miller (2006, p. 4) “a transferência, então, longe de ser efeito do inconsciente, tem, (...) muito mais um lugar de causa. É pela transferência que tornamos presente, mobilizamos e lemos o inconsciente”.

A transferência “indica que existem fenômenos psíquicos que se produzem, se desenvolvem, se constroem para serem ouvidos, portanto justamente para este Outro, que está ali, mesmo que não se saiba” (Lacan, 1960-61/1992, p.177). Na análise esse Outro pode ser inicialmente identificado como o lugar do analista, ao qual o sujeito fala, a quem ele supõe um suposto saber. Entretanto é importante ressaltar que o lugar em que o analista é tomado é suposto, posição a qual ele não deve se revestir, conforme destacado anteriormente, à medida que o analista se reveste da posição do Outro, possibilita a ocorrência do *acting out*, tal como ocorreu no caso apresentado por Ernest Kris.

A psicanálise, conforme demarca Lacan (1958/1998) é estruturada como uma relação a dois, da mesma forma, na transferência o paciente não é o único que entra na análise, utilizando o termo colocado por Lacan, o analista tem uma quota a pagar. A sua quota, ele paga com palavras, como também com sua pessoa, se colocando como suporte aos fenômenos singulares que a análise descobriu na transferência, ele se coloca como suporte a demanda endereçada ao Outro.

Em seu ofício, o analista opera no sentido de transformar a necessidade em demanda, e demanda é sempre de amor, que é endereçado ao saber na figura do analista, dito de outra forma, o desejo do analista é a função operante sob o amor de transferência, a qual possibilita a passagem do desejo do Outro para o desejo Outro. Seria um para além da posição ao qual o sujeito se encontra alienado ao Outro,

Conforme traz Meirelles (2012), quando a função do sujeito suposto saber passa de uma posição genérica, que o analista pode tratar pode curá-lo do mal-estar para a suposição de que o sintoma tem uma verdade a ser alcançada, ocorre uma especificação da suposição de saber ao analista. Tal passagem é correlata a uma mudança na relação transferencial, trata-se de domesticar a transferência selvagem, que passa de uma “transferência selvagem” de uma transferência fora da análise evidenciada pelo *acting out*, para o que Lacan (1973/2003) traz como “amor que se dirige ao saber” (p.555).

Ao final da análise supõe ao sujeito que se reconheça como causa de desejo, seria justamente o momento em que o sujeito não mais direciona a demanda de amor ao analista, mas

o direciona para outros fins. O sujeito coloca o analista no lugar do objeto *a*, de resto, ocorrendo uma destituição do Sujeito suposto Saber, (Lacan, 1967/2003) ou como coloca Lacan (1967-68) o Sujeito suposto Saber é reduzido ao um não estar aí. Segundo Brodsky (2004) esse seria o percurso de uma análise, a qual vai do sujeito suposto saber ao saber sem sujeito.

### 2.3 OBJETO *a*; CAUSA DO DESEJO AO RESTO.

Na teoria lacaniana o conceito de objeto *a* apresenta uma pluralidade de concepções, as quais ganham consistência no momento em que Lacan profere seu seminário *A Angústia* (1962-63). Entretanto o conceito já havia sido esboçado desde os anos 50, mais especificamente no seminário *A relação de objeto* (1956-57). Nesse seminário Lacan (1956-57/1995) traz que Freud insiste no fato que para o homem “encontrar o objeto é, e não passa disso, a continuação de uma tendência onde se trata de um objeto perdido, de um objeto *a* se reencontrar” (p.13).

O que Lacan esboçou nos anos de 1956 e 1957 foram retomados por ele no seminário seguinte *as formações do inconsciente* (1957 -58). O estatuto de objeto, enquanto objeto perdido primordialmente, é tratado seguindo o pressuposto freudiano que se refere ao objeto enquanto passível de ser reencontrado, assimilando o objeto enquanto falta, objeto *a*. É possível verificar que, nesse momento da teoria lacaniana, o objeto *a* é tratado como referencial da falta, causa de desejo, o que o faz afirmar que não existe objeto há não ser metonímico.

Em outro seminário *O desejo e sua interpretação* (1958-59) Lacan debate a respeito do *a* (pequeno outro) o qual na constituição do sujeito está referenciado inicialmente a figura da mãe, “o continente universal, é o que vai reger e uma maneira completamente primitiva a relação do sujeito enquanto se constitui de uma maneira especular” (Lacan, 1958-59/2002, p. 235). Nesse seminário ele o apresenta como Objeto *a* do desejo, o que sustenta a relação do sujeito ao que ele não é, demarcando a necessidade de uma definição “justa desse objeto” (Lacan, 1958-59/2002, p. 371), buscando verificar como ele se ordena, bem como se diferencia das demais conceituações.

Posteriormente, nos seminários seguintes, Lacan continua referenciando e debatendo a respeito como nos seminários *A ética da psicanálise*, (1959 – 1960), *A transferência* (1960-1961), *A identificação* (1961-1960), e então no seminário *A angústia* (1962-1963). Vale destacar que no seminário *A transferência* (1960-1961), ele aborda o objeto *a* enquanto o ágalma, o objeto precioso contido no Erômenos (amado/desejado) que supostamente teria o poder de preencher a falta do Erastés (amante/desejante),

Esse breve levantamento possibilitou verificar que durante o ensino de Lacan o conceito de Objeto *a* sofreu modificações e acréscimos, entretanto, não é o foco desse estudo discorrer a respeito da evolução do conceito, mas sim de sua interface com os atos. Considerando a abrangência do conceito de Objeto *a*, daremos enfoque ao objeto *a* situado enquanto causa de desejo e o resto, para tal, utilizaremos como base o percurso de Lacan trabalhado no seminário *A angústia*, no qual ele formaliza os conceitos de *acting out* e passagem ao ato.

Neste seminário, Lacan desenvolve o que ele chama de sua única invenção: o objeto *a*. Trata-se de um conceito construído a partir da elaboração freudiana da sexualidade resgatado por Lacan, em especial no que se refere a teoria das pulsões (Jorge, 2008). Lacan considerou a pulsão como um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise insistindo no caráter constante do movimento da pulsão (Rudinesco e Plon, 1998). A abordagem lacaniana a respeito da pulsão, inscreve-se em uma abordagem do inconsciente em termos de manifestação da falta.

As reflexões lacanianas a respeito da pulsão vem destacar o movimento realizado com a finalidade de re-encontrar o objeto perdido, movimento interminável em torno do buraco da não satisfação estrutural que a pulsão estabelece. Há um vai e vem no qual a pulsão se estrutura, possui um caráter de reversão fundamental, o circuito pulsional que é exemplificado pelo arco que contorna o objeto.

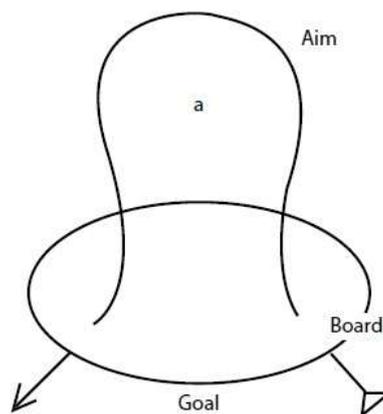


ILUSTRAÇÃO IV *Circuito pulsional*

As elaborações a respeito da pulsão apresentam o objeto *a* enquanto o lugar do vazio, da falta, do objeto contornável e que não se tem acesso, cuja instância Freud reconhece na forma

de objeto perdido, o qual Lacan chama de objeto *a*. segundo Lacan (1964/2008) O objeto *a* enquanto referenciado à falta, “a presença de um covo, de um vazio, ocupável, nos diz Freud, por não importa que objeto, e cuja instancia só conhecemos na forma de objeto perdido, *a* minúsculo” (Lacan, 1964/2008, p. 176).

Lacan destaca (1964/2008) que se pulsão atinge a satisfação, sem ter atingido o alvo parcial, estando o objeto *a* referenciado ao objeto eternamente faltante. O modelo apresentado por Lacan permite observar que o objeto *a* é por excelência o lugar da falta radical produtora do desejo.

A dimensão do desejo em psicanálise, não se define pela presença de um objeto, já que é precisamente a falta dele que opera. Freud funda o desejo a partir de sua estrutura errante, marcada desde a experiência original com o Outro pela perda de objeto. Em seu ensino Lacan trouxe avanços sensíveis à estrutura do desejo resgatando de Freud a relação do desejo com o Outro. Lacan vai extrair da *Breve introdução à leitura de Hegel, a dialética do senhor e do escravo*, de Alexandre Kojève, a fórmula o desejo é o desejo do Outro, anunciando que “o desejo do desejo do homem é o desejo do Outro” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 31), ou seja, o sujeito necessita do Outro para se constituir enquanto tal.

Lacan salienta que a posição do sujeito frente ao Outro “não autenticável, nunca inteiramente autenticável” (Lacan, 1962-62/2005. p, 139), é a de querer tampar os furos, acabar com a falta, se colocando, inclusive, como objeto em relação ao Outro. Para dar conta do desejo do Outro, de responder ao *Che Vuoi?* Ele busca pagar, oferecendo a si próprio, a sua libra de carne<sup>4</sup>. “Desde essa primeira abordagem, indiquei que a função angustiante do Outro estava ligada a eu não saber que objeto *a* sou eu para esse desejo” (Lacan, 1962-63/2005, p.353).

À medida que o sujeito não consegue identificar que objeto é para o Outro, ele coloca em movimento o desejo reafirmando seu status de causa de desejo e não a finalidade ou meta do desejo.

Ele é causa do desejo na medida em que o próprio desejo é algo não efetivo, uma espécie de efeito baseado e constituído na função da falta, que só aparece como efeito ali onde se situa a ideia de causa, isto é, apenas no nível da cadeia significante, à qual o desejo confere a coerência pela qual o sujeito se constitui essencialmente como metonímia. (Lacan, 1962-63/2005, p. 343).

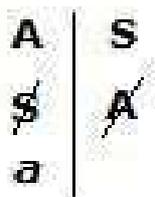
---

<sup>4</sup> metáfora extraída por Lacan (1963) em O Mercador de Veneza, de Shakespeare, no qual, em um momento determinado o pagamento da dívida deveria ser realizado com uma libra de carne.

Objeto *a* enquanto causa de desejo se refere a isso que falta na cadeia significante, estando ele referenciado a essa falta. O objeto *a* simboliza o fato de que existe um lugar vazio na representação que se manifesta no ser, no saber, no desejar.

A exclusão do objeto da cadeia significante evidencia que em sua constituição ele é resultado de uma operação de linguagem, e a partir daí a própria linguagem tentará realizar o movimento de capturá-lo. Ato que está fadado ao fracasso, pois como bem destacou Lacan o movimento metonímico remete sempre o significante a outro significante, não ao objeto. Lacan relaciona a metonímia ao desejo, destacando que a mesma é o que surge como suporte da cadeia significante. É a “possibilidade do deslizamento indefinido dos significantes sob a continuidade da cadeia significante” (Lacan, 1960-61/1992, p. 171). O significante tenta representar o objeto perdido, que não é reencontrado, o que implica no fato da demanda ser sempre insatisfeita, pois carrega em si a marca do desejo, e a partir do significante, traz essa busca incessante do objeto perdido. Por essa razão, o desejo está implicado na via metonímica uma vez que persiste em simbolizar o objeto perdido (Dor, 1991, p. 94). À medida que o desejo se relaciona com o que falta ao sujeito, possibilita à Lacan (1962/2005) conceber o Outro como inconsciência.

No início da lição IX do seminário *A angústia* Lacan recorda a importância da função do objeto *a* como resto de uma operação de constituição da relação do sujeito com o Outro. O objeto *a* apareceria como resultado da constatação de que o Outro é barrado. Como forma de exemplificar tal situação ele utiliza o esquema da divisão subjetiva.



*ILUSTRAÇÃO V Esquema da divisão subjetiva*

Ao analisarmos o esquema apresentado, encontramos em um primeiro nível o A enquanto referenciado ao Outro imaginário, lugar do significante; S enquanto o sujeito ainda inexistente, ainda não determinado pelo significante. Em relação ao Outro (A) o sujeito depende desse para inscrever-se como um cociente. No segundo nível encontramos o S, o sujeito marcado pela barra do significante, já estado no campo do Outro, como traz Lacan (1962-

63/2005) “o único a que nossa experiência tem acesso” (p.129); o  $\bar{A}$  refere-se ao Outro que o sujeito não atinge, trata-se do Outro barrado “aquilo que me constitui como inconsciente” (p.36). Por fim encontra-se o  $a$ , o que resta dessa operação. É possível compreender esse esquema partindo da divisão de um Outro não barrado e de um sujeito mítico, sem barra, de onde advém como produto um sujeito dividido. Essa divisão não é exata, deixa um resto que é o objeto  $a$ . Por meio desse esquema, Lacan busca exemplificar a gênese do objeto  $a$  na constituição do sujeito.

O esquema proposto por Lacan nos permite avançar na compreensão da função do objeto  $a$  na constituição do sujeito. Como um próximo passo, encontramos a questão referenciada com o que ele apresenta na descrição do estádio do espelho tratado por Lacan como “fundamento de uma certa relação do homem com a imagem de seu corpo e com os diferentes objetos constitutivos desse corpo, com pedaços do corpo original, captados ou não no momento em que  $i(a)$  tem a oportunidade de se constituir”. (Lacan, 1962-63/2005, p.132)

O estádio do espelho encontra-se referenciado ao momento da constituição do sujeito, sendo fundamental na formação do eu. É o momento pelo qual se inaugura “pela identificação com a imago do semelhante e pelo drama do ciúme primordial (...) a dialética que desde então liga o eu a situações socialmente elaboradas” (Lacan, 1998, p. 101). Conforme descreve Lacan (1962-63/2005) no início da constituição do sujeito, há uma desordem de pequenos  $a$ , referenciados ao corpo real, despedaçado, no sentido que não há uma unidade, mas vários pedaços não simbolizados.

Esse caos é organizado no estádio do espelho com o advento da  $i(a)$ , é justamente quando o bebê adquire uma primeira noção de eu através da imagem unificada de seu corpo, exemplificada pela percepção de sua unidade mediante a imagem no espelho. Lacan (1962-63/2005) exemplifica essa situação com o momento que chama de “paradigmático da constituição do eu ideal no espaço do Outro” (p.135), trata-se do momento em que a criança, em frente ao espelho, vira-se para a figura que está atrás dela, a fim de lhe comunicar com um sorriso a sua manifestação de júbilo, por comunicar-se com sua imagem especular, destacando que a entrada efetiva no campo simbólico acontece quando essa criança se dirige ao Outro de forma interrogativa, o que por sua vez recebe uma ratificação dele. É nesse ato compartilhado pelo bebê e pelo outro que o carrega que se abre toda a dimensão do Outro, todo o potencial simbólico daquela relação.

Conforme destacado no esquema anterior, Lacan (1962-63/2005) descreve que o sujeito depende do Outro enquanto o lugar do significante, sendo marcado pelo traço unário,

por essa marca distintiva a partir da qual uma trama de significantes vai se desdobra, onde o sujeito vai se constituir em sua subjetividade, sujeito dividido pelo significante. Dessa relação, sujeito dividido, constituído diante do Outro encontramos o *a*, referenciado ao que cai, que resta, o resíduo. “Esse resto, esse Outro derradeiro, esse irracional, essa prova e garantia única, afinal, da alteridade do Outro, é o *a*” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 36).

No Seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan situa, em um de seus diagramas, a relação do sujeito, Outro e objeto *a*:

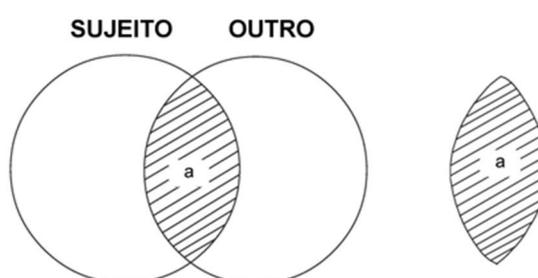


ILUSTRAÇÃO VI Diagrama Objeto *a*

Com esse diagrama, Lacan busca evidenciar que o objeto *a* não está situado apenas em um ou outro, ele se constitui da relação de ambos, ele é o que resta dessa relação. Através dessa articulação é possível situar o sujeito de Lacan como falta – *a* – ser. Assim tal posição reafirma a definição do objeto *a* como o que não pode ser capturado, como o objeto perdido, efeito dessa relação.

É com base nessas considerações que Lacan trata a angústia como a tradução subjetiva do objeto *a*. Esse afeto é o que acomete o sujeito nos momentos em que este está às voltas com esse que é inapreensível, o resíduo, o objeto *a*, ele pode ser compreendido também como sinal do real, enquanto o resto que sobra da constituição do sujeito, o resto inominável.

É importante nesse momento fazer um pequeno adendo e recordar o que Lacan (1962-63/2005) destaca com relação ao movimento apresentado na constituição do sujeito, que pode não ocorrer tal qual foi apresentado anteriormente, ele pode ocorrer justamente de maneira oposta. A criança ao olhar no espelho pode não reconhecer a imagem especular ali presente, “ao não se encontrar no espelho, ou em qualquer coisa análoga, que o sujeito começa a ser tomado pela via da despersonalização” (Lacan, 1962-63/2005, p.134).

Freud (1936), ao propor o fenômeno da despersonalização, destaca que ele tem o objetivo de defesa, que visa manter algo distanciado do eu, rechaçado. Desta forma, ao não se reconhecer em uma unidade por não ser passível de ser proposto ao reconhecimento do Outro, é que a imagem vista no espelho torna-se angustiante, a criança corre o risco de afundar no abismo da angústia. O sujeito encontra-se identificado enquanto objeto *a*, esse resto inominado.

Lacan busca destacar a presença do objeto *a* enquanto aquele que intervém, constituindo a economia libidinal do sujeito, numa ocorrência que é sempre perturbadora ao sujeito. A manifestação do objeto *a* no campo do sujeito é, segundo Lacan (1962-1963/2005), a angústia. No início de sua aula de 16 de janeiro de 1963, Lacan trata tal questão destacando que é por meio da angústia que se pode falar do objeto *a*, sendo ela, a sua única tradução subjetiva.

A temática da angústia é encontrada no texto *A terceira* como referência a “alguma coisa que se situa alhures ao nosso corpo, é o sentimento que surge dessa suspeita que vem de nos reduzirmos ao nosso corpo” (Lacan, 1974, p. 65), corpo real, que não foi furado pelo significante vindo o Outro, uma vez que “a angústia não é sem o Outro”, ela nasce da relação com o Outro, uma vez que há o encontro com o desejo, e este aparece como um aspecto do real. Nesse sentido, ela pode ser tratada como aquilo que o sujeito visa contornar, trazendo: a marca da falta como efeito desse contorno, o Outro como o lugar do discurso, da possibilidade de laço social e o objeto *a* como um resto fundamental para a manutenção desse mesmo discurso.

Em psicanálise, a possibilidade de um discurso não se dá por aquilo que se tem ou que se é, mas justamente pela possibilidade da falta. Retomando o tema central dessa dissertação, as dimensões do ato emergem justamente em relação com o discurso, uma vez que o discurso é a colocação em ato de uma subjetividade, o ato, por sua vez, vem marcar a passagem à outra posição do sujeito em relação à falta. Quanto a falta, falta, ou seja, quando a falta é preenchida pelo objeto, atividade que é possível pelo encontro do sujeito com o objeto *a*, o efeito é o aparecimento da angústia, estando o ato localizado como o relator dessa, sendo ele a forma de dizer o que o sujeito não consegue falar.

### 3 PASSAGEM AO ATO, DO *KAKON* AO OBJETO *a*.

A temática dos atos está presentes durante a teorização da psicanálise, iniciando pelos atos falhos e *acting out*, conceitos apresentados por Freud, sendo a descoberta dos atos falhos considerada como um dos alicerces da psicanálise, na busca de Freud em comprovar o inconsciente. No que se refere ao *acting out* Freud não faz uma delimitação específica do termo, tratando-o de forma ampla o que por sua vez possibilitou as mais variadas interpretações. Calazans e Bastos (2010) destacam que a noção de *acting-out* foi usada como forma de descrever ações que se apresentam de maneira disruptiva e irracional, o que ocasionava a não delimitação específica do ato, uma vez que esse era tratado de forma genérica como *acting out*. Lacan retoma o conceito freudiano, apresentando em 1963, buscando a sua delimitação, para tal, ele faz uma importante contribuição no que tange ao papel dos atos na teoria psicanalítica, ele avança na conceituação do *acting out* e introduz outro conceito, a passagem ao ato.

Atualmente é possível encontrar alguns estudos realizados a respeito da temática presente no conceito de passagem ao ato, dentre eles podemos destacar os de Pinheiro (2011), que traz o estudo de casos de parricídios, Ruiguini (2005), que traz acerca da passagem ao ato em casos de psicose, Rudge (2008) discute a relação dos atos com perdas traumáticas, Brunhari e Darriba (2014) tratam da passagem ao ato suicida e a melancolia. Esses autores, tratam do tema da passagem ao ato em suas várias interfaces. Entretanto é necessário uma delimitação a respeito do conceito, que não possui sua origem na psicanálise freudiana.

O Termo passagem ao ato, tem sua origem na psiquiatria clássica, sendo introduzido pela criminologia no século XIX, estava referenciada aos atos impulsivos, violentos, agressivos e delituosos, como assassinatos, atentados sexuais, suicídios entre outros. Dutra (2000) aponta que por volta do final do século XIX e início do século XX foram elaboradas grande parte das entidades nosológicas da psiquiatria clássica, sendo que alguns não estão presentes nos dias atuais, contudo influenciaram a construção da nosologia atual. Nesse período novas relações entre o tema periculosidade e psicose estavam sendo desenvolvidas, pois até o momento da introdução do termo passagem ao ato, predominava o desinteresse e desconhecimento em relação aos aspectos que motivavam o indivíduo psicótico a praticar atos agressivos.

Maleval (2000) em seu artigo *Meurtre immotivé et fonction du passage à l'acte pour le sujet psychotique*, faz uma reflexão a respeito dos assassinatos imotivados e sua relação com a passagem ao ato realizado pelo sujeito psicótico. Em seu artigo o autor destaca que os assassinatos imotivados foram durante muito tempo apenas uma questão de justiça, sendo tal

panorama alterado em virtude dos estudos de Esquirol que considera os atos criminosos aparentemente referenciados a uma patologia mental.

Em seu texto *Maladies Mentales* Esquirol (1838) considera os atos criminosos, ou assassinos imotivados, como não apenas referente a questões jurídicas, mas tratando-os pela via dos transtornos mentais, ele propõe a utilização do termo monomania homicida, o qual se refere a formas de loucura cujo sintoma evidente é a desordem intelectual e moral que acarretaria a prática de crimes. As monomanias são afecções marcadas por uma "lesão parcial da inteligência, dos afetos e da vontade" (Esquirol, 1838, p. 1) Conforme descreve Esquirol (1838), haveria um impulso involuntário e instintivo que leva o sujeito a cometer o assassinato. Trata-se de pacientes que são arrastados para o ato irracional contrário a sua natureza, e que não gozam de sua razão.

Os estudos de Esquirol possibilitaram romper com as ideias presentes na época, viabilizando pensar os até então chamados crimes imotivados, pela ótica de uma perturbação mental. É possível observar que Esquirol enfatiza a dimensão moral da psiquiatria, observada na citação "as paixões e o crime que armam a mão homicida não fogem de meu objeto" (Esquirol, 1838, p. 94).

Na década de 30 o psiquiatra francês Paul Guiraud questiona as concepções existentes, defendendo que haveria uma motivação para tais atos, "apesar destes crimes ditos imotivados acontecerem sem a intervenção de uma impulsão ou mesmo de uma ideia delirante, eles devem ser pesquisados com relação à sua motivação" (Dutra, 2000, p. 51). Guiraud publicou dois artigos, em 1928 e 1931 que tratam a respeito dos atos imotivados dando a estes status de importância no discurso psiquiátrico.

Em seu artigo de 1928, que é escrito em conjunto com Cailleux, Guiraud descreve a respeito do caso Paul L. como um jovem calmo, silencioso, trabalhador, inteligente aos 18 anos o jovem começa a mudar seu comportamento, passando a se isolar da família, seus interesses mudam como a diminuição do interesse pelo trabalho, passando a residir sozinho, passa a ingerir 4 litros de vinho por dia. Nesse mesmo tempo Paul se interessa pelo partido comunista, e tornou-se extremamente religioso, passando horas na igreja. Durante o relato do caso os autores destacam que o jovem se sente invadido por uma "malaise" (mal-estar interior) inexplicável. O episódio que chamou a atenção para o caso, ocorreu no dia em que o jovem chamou um carro de aluguel e no percurso proferiu disparos de arma de fogo contra o motorista. Ao ser indagado a respeito da situação o mesmo relata que participou de uma reunião secreta

com os Russos sendo designado a ele acabar com o traidor, o motorista, tendo recebido uma quantia em dinheiro para tal ato.

Os sintomas observados em Paul, associado ao delírio, possibilitou que o mesmo fosse diagnosticado com um quadro hebefrenia (indiferença afetiva, autismo e inatividade). Conforme destaca Maleval (2000), três anos mais tarde Guiraud e Cailleux encontram-se na presença de tal paciente, entretanto, após ouvir atentamente o paciente e realizarem um exame minucioso de seu ato, eles acreditavam poder discernir uma certa lógica dos assassinatos imotivados. Segundo Guiraud (1931) no texto de 1928 os autores constataram com uma outra categoria de assassinatos realizados por alienados, sem a intervenção de um impulso ou de uma patologia.

As observações realizadas por Guiraud e Cailleux possibilitaram a compreensão da lógica presente nos crimes imotivados seguindo a ideia de um mal geral. Ao demonstra a necessidade de estudar os assassinos imotivados, Guiraud faz uma associação do tema com a teoria freudiana, possibilitando estabelecer os crimes imotivados entre “os crimes do ego (onde entram todos os crimes ditos de interesse) e os crimes do id (onde entram os crimes puramente pulsionais)” (Lacan, 1932/1987, p.306). Lacan (1932/1987) destaca que os assassinos imotivados se encontram referenciados ao que Guiraud chama de crimes do id. Conforme destaca Maleval (2000) se caracterizam por uma reação violenta que aparece de uma vez só como o último estouro de energia, de um organismo que afunda em indiferença e inação e como resultado de um desejo de curar a doença, de reprimir o mal social. Em 1931 Guiraud escreve um novo artigo a revista *Cahiers de Psychologie Clinique et de Psychopathologie Générale* com o mesmo nome *Les meurtres immotivés* onde discute a respeito do assunto apresentando novamente o caso Paul.

Guiraud (1931) destaca algumas características presentes em Paul, como a indiferença afetiva, autismo e emotividade, sem prejuízos a inteligência do mesmo, tais comportamentos se mantem inalterados após dois anos de internamento, bem como sua não expressão e afetividade em relação aos familiares. Ao ser questionado relata não se lembrar do fato, e levantando a hipótese que sua ocorrência estaria vinculada ao uso de álcool, posteriormente relata que sentiu que deveria fazer algo. Associado ao quadro hebefrênico, o autor destaca a presença do mal social, o “malaise” que invade o sujeito, e por meio do ato repentino ele busca a liberdade do mal.

Tomando como exemplo tal caso, Guiraud (1931) debate a respeito do mal que invade o sujeito ocasionando em um movimento brusco de violência como forma de se libertar,

apresentando o termo *Kakon*, expressão já empregada anteriormente por Monakow e Mourgue (utilizado no livro *Introduction biologique à l'étude de la neurologie et de la psychoathologie*, em 1928), que simbolizaria o mal. Guiraud (1931) destaca que por seu ato de violência, Paul buscava suprimir o *Kakon*. Dutra (2000) destaca que o termo *Kakon* refere-se ao mal-estar que invade o sujeito, Tendlaz e Garcia (2013) partilham da mesma ideia e complementam trazendo que o *kakon* refere-se ao conceito de mal interior, que traduz um sentimento desagradável, um sentimento penoso, de estranheza interior, de inquietude, que invade o sujeito fazendo-o querer se livrar dele. Segundo Tendlaz (1994), Guiraud traduz o termo *kakon* como um sentimento desagradável, um sentimento penoso, de estranheza interior, de inquietude, que invade o doente fazendo-o querer livrar dele. Pelo assassinato o doente tentaria atingir a doença objetivada.

Santiago (2001), recorre a etiologia da palavra *Kakon* que remete a raiz grega que significa mal, os psiquiatras Guiraud e Cailleux utilizaram tal terminologia como referência aos crimes caracterizados por reação violenta ou dispêndio de energia do organismo com a intenção de matar a enfermidade, sanar o mal.

Em 1932 no texto *Da psicose paranoica e suas relações com a personalidade* Lacan retoma a tese Guiraud referente ao *Kakon* e sua relação com os assassinos imotivados. Lacan pontua como Guiraud coloca em evidência, nos assassinos imotivados, o caráter simbólico da agressão, “o sujeito quer matar aqui não mais o seu ego ou superego, mas a doença ou, mais geralmente, “o mal”, o *Xaxón* (*Kakon*) de Von Monakov e Mourgue” (Lacan, 1932/1987, p. 307).

No texto *Agressividade na Psicanálise* (1948) Lacan faz nova referência ao termo *Kakon* tratando esse como obscuro, nesse texto ele relaciona o termo com as reações agressivas presentes na psicose.

Assim se coloca em série, de maneira continua, a reação agressiva, desde a explosão tão brutal quanto imotivada do ato, passando por toda a gama das formas de beligerância, até a guerra fria das demonstrações interpretativas, paralelamente às imputações de nocividade que, sem falar do *Kakon* obscuro a que o paranoide refere sua discordância de qualquer contato vital, vão-se escalonando, desde a motivação do veneno, retirada do registro de um organicismo muito primitivo, até a motivação mágica do malefício, telepática, da influência, lesiva, da intrusão física, abusiva, do desvio da intenção, espoliadora, do roubo do segredo, profanatória, da violação da intimidade, jurídica, do preconceito, persecutória, da espionagem e da intimidação, prestigiosa, da difamação e do ataque à honra, reivindicatória, do prejuízo e da exploração (Lacan, 1948/1998, p. 113).

Nessa citação, é possível verificar que Lacan retorna a descrição inicial apresentada por Guiraud, e amplia, associando a sintomatologia presente nos casos de paranoia, como os sentimentos de violação da intimidade, espionagem, difamação e ataque a honra, ocasionando na exploração brutal e agressiva do sujeito, que visa se livrar de tal mágica do maléfica.

Em 1946 no texto *formulações sobre a causalidade Psíquica* Lacan cita novamente o artigo *Les Meurtres immotivés* de Paul Guiraud, onde tece críticas a Guiraud e o denomina de mecanicista. Apesar da crítica a Guiraud, Lacan o retoma para explicar a passagem ao ato, Guiraud faz questão de destacar que é o seu próprio *Kakon* que o sujeito alienado procura atingir no objeto que ele fere (Lacan, 1946/1998), “por um ato de violência (...) estava tentando suprimir o *kakon*” (Guiraud, 1931, p.28, tradução nossa). Ao analisarmos o conceito é possível destacar sua aproximação com dos delírios de autopunição, onde o sujeito golpeia no outro o *Kakon* que está no próprio sujeito, como é possível verificar no caso Aimée.

Em sua tese de doutorado Lacan (1932/1987) apresenta o caso Aimée, nome que foi dado por ele. A obra relata o episódio em que Aimée ataca a jovem atriz Huguette Duflos, num dia em que esta chega ao teatro para se apresentar, Aimée pede-lhe para confirmar seu nome; diante da resposta positiva da atriz, ela a ataca com uma faca. Na delegacia ao ser interrogada Aimée relata que a muitos anos a atriz zomba dela, fazendo escândalos e ameaçando-a. Aimée foi conduzida a prisão e posteriormente a ao hospital Sante-Anne, onde foi atendida pelo médico-legal Dr Truelle o qual concluiu que ela sofria de delírio sistematizado de perseguição (Lacan, 1932/1987).

Ao estudar o caso Lacan interpreta o movimento de Aimée ao golpear a atriz, como um movimento que visava golpear o ser mais íntimo de Aimée, uma vez que o inimigo exterior que ela golpeia representa a si mesma, contudo não se trata de uma projeção. Retomando a concepção de *Kakon* e ainda destaca a relação existente entre *kakon* e a identificação.

Freud e Lacan destacam dois pontos a respeito da identificação. Para Lacan (1961-62/2003)<sup>5</sup>, a identificação não é uma unificação, não se trata de uma posição de identidade. Em *A interpretação dos sonhos* a identificação recebe o que Roudinesco e Plon (1998) chamam de “tratamento teórico” (p.364) segundo os autores a identificação “não se trata tampouco de uma imitação, trata-se de uma apropriação por causa da etiologia idêntica, esta exprime um exatamente como se” (p.364).

A relação do *kakon* com a identificação é percebida no ato de Aimée golpear a atriz, ela golpeia a atriz a quem odiava, pois esta representa o seu ideal de ser uma mulher conhecida.

---

<sup>5</sup> O seminário, livro 9: *A identificação*, não estabelecido.

Lacan (1932/1987) descreve outra situação que corrobora com tal afirmação, trata-se das constantes investidas de Aimée para a publicação de seus manuscritos, que são recusados resultando no ato de violência contra a funcionária da editora que lhe deu a notícia. Vale demarcar que da mesma forma como ocorreu com a atriz, Aimée, apresenta queixas delirantes contra uma célebre escritora. Chamama (2002) faz a reflexão referente a identificação, a qual pode ser pensada como uma assimilação de um Eu estranho, onde o sujeito se comporta como o outro sob determinados pontos de vista, esse Eu estranho é acolhido pelo sujeito, o qual o faz sem se dar conta disso. Com relação ao caso Aimée, essa assimila o Eu estranho, e se comporta como o outro (busca publicar seus manuscritos), buscando realizar por meio do ataque a atriz, o ataque a esse Eu estranho que foi acolhido nela, o faz sem saber disso. Esse Eu estranho assimilado por Aimée podemos chamar de *kakon*. Desta forma, ela visa matar o seu *kakon*, o seu inimigo interior, o seu gozo invasor. Contudo é importante destacar que essa relação entre *kakon* e a identificação, anunciada por Lacan, não as tornam equivalentes, ou seja, *kakon* não é sinônimo de identificação.

Através do ato agressivo de Aimée, com especial destaque ao seu quadro delirante, Lacan começa a tratar da aproximação do *Kakon* com a passagem ao ato. A relação existente entre passagem ao ato e o *Kakon* pode ser pensada no sentido de que a passagem ao ato viria para acabar com o *kakon*, ou seja, os atos dos sujeitos viriam como defesa frente a dor e ao embaraço, fatores proporcionados pelo *Kakon* (Dutra, 2000). O inimigo interior de Aimée é puramente especular e permanecesse no registro imaginário, ao mesmo tempo em que intervêm tendências autopunitivas (Tendlarz, 1988).

Conforme acentua Pinheiro (2011) a utilização do termo *kakon* perde força na teoria lacaniana, o que possibilita questionar o motivo pelo qual Lacan o utiliza. Segundo Tendlarz (1988) Lacan necessitava nomear de alguma maneira o que estava, naquele momento, fora de sua teorização, o que não integrava o simbólico e o imaginário, se tratava do real do gozo, da ordem do gozo insuportável (Pinheiro, 2011). Essa proposição nos possibilita refletir a respeito da articulação do *kakon* como representante do real, e ainda pensar que o ser do sujeito está identificado ao objeto *a* enquanto o mais de gozar (Tendlarz, 1988).

A partir da criação por parte de Lacan do conceito de objeto *a*, tratado no capítulo anterior, é possível um novo passo no desenvolvimento do conceito de passagem ao ato, sendo que o que era antes tratado como *Kakon*, assume a descrição de objeto *a*. Desta forma, o sujeito que encontrava-se identificação ao objeto *a*, buscar se libertar, que é realizada por meio da passagem ao ato. Ao ser confrontado radicalmente como objeto, o sujeito reage de modo

impulsivo, sendo tomado por uma angústia incontrolada e incontrolável, identificando-se com esse objeto, age no intuito de evadir-se, deixando-se cair, se ejeta. Isso acontece na medida em que para o sujeito tornou-se impossível qualquer simbolização (Lacan, 1962-63/2005). Segundo Ramalho (2001) esse momento é marcado pelo movimento do sujeito em se oferece ao Outro, buscando dessa forma agir para escapar da angústia, “agir é arrancar da angústia sua certeza” (Lacan, 1962-63/2005, p. 88).

A angústia é um afeto que se funda na certeza, sua verdadeira substância é o que está fora da dúvida, é aquilo que não engana. A angústia, por sua vez, não é a dúvida, é a causa da dúvida, o que se trata de evitar é justamente o que se assemelha as certezas avassaladoras (Lacan, 1962-63/2005). Ela é o que testemunha o encontro com o real, é o que escapa ao jogo do significante, evidenciando sua relação com o objeto  $a^6$ . Contrariando a proposição freudiana, Lacan afirmar que a angústia não é sem objeto, o objeto ao qual Lacan se refere é o objeto  $a$ , a angústia por sua vez, é a via de acesso ao objeto  $a$ .

Retornando ao caso da Jovem homossexual, é possível observar a relação da angústia com o momento da passagem ao ato. No momento do encontro da jovem com o pai, ela é tomada pela angústia, em sua referência ao objeto  $a$ , ocasionando a passagem ao ato, o arremessar-se para fora da cena. Esse caso possibilita ainda, verificar o mecanismo presente na passagem ao ato, e conforme destaca Lacan (1962-63/2005) as duas condições essenciais da passagem ao ato.

A primeira condição se refere a identificação absoluta com o objeto  $a$ , quando a jovem encontra o pai. O momento do encontro da jovem com o olhar do pai é o que a reduz ao objeto  $a$ . Diante de tal situação a jovem se atira para fora da cena, deixa-se cair.

Segundo Lacan (1962-63/2005) o correlativo a passagem ao ato seria esse deixar-se cair (*niederkommen* em alemão) traduzido por Freud como dar à luz, e questionado por Lacan, o qual considera não apenas esse caráter, “Não basta lembrar a analogia com o parto para esgotar o sentido dessa palavra” (Lacan, 1962-63/2005, p. 124), ele continua “O *niederkommen*<sup>7</sup> é essencial para qualquer relacionamento súbito do sujeito com o que ele é como  $a$ .” (Lacan, 1962-63/2005, p. 124). Através desse movimento realizado pelo sujeito é possível sair da posição de identificação ao objeto.

---

<sup>6</sup> Destacando a função do objeto  $a$  referenciado ao seu caráter do que resta da operação significante, evidenciando “a ligação radical, da angústia com o objeto como aquilo que sobra. Sua função essencial e ser o resto do sujeito, o resto como real” (Lacan, 1962-63/2005, p.184) o qual tem a “função irreduzível que sobrevive a prova do encontro com o significante puro” (Lacan, 1962-63/2005, p.243) .

<sup>7</sup> Segundo Vera Ribeiro, tradutora do seminário *a angústia*, a tradução do verbo *niederkommen* é "dar à luz", "partejar", mas sua composição etimológica permitiria uma tradução "literal" por "vir abaixo", "despencar".

A segunda condição enunciada por Lacan (1962-63/2005), é o confronto do desejo com a lei, o confronto do desejo pelo pai, com sua interdição. Essa condição está relacionada ao encontro da jovem, acompanhada da dama, com o pai, especificamente do olhar do pai para a jovem. A lei se fez presente no olhar o que causou nela o sentimento de identificação definitiva ao objeto *a*, ao mesmo tempo, rejeitada, fora da cena, (Lacan, 1962-63/2005). O olhar do pai assume esse papel de proibição ao incesto, ele tem o caráter de corte na jovem, realizado pelo ato de deixar-se cair.

O momento do deixar-se-cair, largar mão, *laisser a tomber*, é destacado por Lacan (1962-63/2005) como o correlato essencial da passagem ao ato, esse, se refere ao objeto *a* “em sua conotação mais característica, uma vez que está ligada justamente à função de resto” (Lacan, 1962-63/2005, p. 129). A conotação dada por Lacan ao objeto *a* como resto, está presente no seminário *A Angústia*, onde ele dá especial atenção a conceituação do objeto *a*.

Conforme destacado no capítulo anterior, a análise da constituição do sujeito diante do Outro, permitiu a Lacan introduzir a concepção de objeto *a*. Considerando a concepção lacaniana, tratada anteriormente, onde ele concebe o sujeito como determinado pelo significante, uma outra questão se faz presente, referente a inscrição da marca primeira do surgimento do sujeito no significante, a saber, o traço unário.

O traço Unário enquanto a marca primeira do sujeito, refere-se ao fato de que o sujeito é marcado pelo traço unário do significante no campo do Outro, o lugar da determinação simbólica. O sujeito se constitui a partir da relação com o Outro, através da operação que Lacan nomeou de identificação ao traço unário (Lacan, 1961-62/2003), termo utilizado para se referenciar o lugar original do sujeito. Por meio do advento do traço unário, este opera o apagamento da Coisa, no sentido freudiano da frase: onde estava a Coisa, eu [*Je*] devo advir (*Wo es war, da durch den Ein*). Por meio da ação do Outro, o tesouro dos significantes, a Coisa (*das ding*) cai, e o eu assume o seu lugar, conforme aponta Rinaldi (2008), o traço apaga a coisa, contudo dela ainda permanecem rastros.

Retomando a articulação entre imagem especular e significante, descrita no estádio do espelho, na qual a criança se assume como totalidade (tal qual funciona em sua imagem especular) mediante o assentimento do Outro, tesouro dos significantes, que ratifica o valor dessa imagem. “Basta compreender o estádio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, é a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (Lacan, 1966/1998, p. 97).

Lacan (1998) considera o estágio do espelho, o operador da organização dos pequenos  $a$ , resultando no momento da constituição do eu, mediante a identificação com a imagem do outro  $i(a)$ . No momento inicial o sujeito está mergulhado em sua impotência e na dependência do outro, ao se constatar com sua imagem especular ele é tomado de júbilo, o que é tratado por Lacan (1966/+

1998) como a matriz simbólica em que o eu ( $je$ ) se precipita antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem o restituía como sujeito.

Pensar a constituição do sujeito com base no estágio do espelho, permite verificar que desse momento há algo que resta, algo que não é simbolizado, há o real, nesse momento o significante não impera. Conforme aponta Brodsky (2004) o ato está situado juntamente nesse lugar, onde a cadeia significante falha, onde subsiste algo que não foi simbolizado, a imagem especular não se concretizou (Lacan, 1998).

Maleval (2000) ao descrever o percurso teórico de Lacan no que se refere ao estágio do espelho, destaca que este se encontra como operador da formação do eu ( $je$ ), entretanto, conforme destacado anteriormente, há um momento na instituição do ser do sujeito que fica localizado fora do espelho, não especularizável, tal proposição vai de encontro com o tratado por Lacan (1946/1998): “quando o homem, buscando o vazio do pensamento, avança para o lampejo sem sombras do espaço imaginário, abstendo-se até mesmo de esperar o que daí irá surgir, um espelho sem brilho mostra-lhe uma superfície em que nada se reflete” (p.189).

Nesse lugar onde o imaginário falha, pois nada se reflete, o significante encontra seu limite, evidenciando assim o que é da ordem do real. Maleval (2000) traz que o objeto  $a$  encontra-se referenciado a possível nomeação do real, enquanto o que não foi simbolizado o que geraria a angústia.

Partindo de tal perspectiva é necessário pontuar uma questão apresentada por Maleval (2000), referente ao que ele traz como denominações do real. Ao analisar os conceitos que trabalhou no presente texto (*kakon*, real e objeto  $a$ ) é possível destacar a equivalência entre os termos. Seguindo esta lógica, Maleval (2000), considerando o que foi proposto por Guiraud, Freud e Lacan, traz as três nomeações possíveis do real sendo; para Guiraud referenciado ao *Kakon*; para Freud a coisa; e em Lacan o objeto  $a$ . Mediante análise das descrições dos três conceitos é possível afirmar que estes estão referenciados ao que ocorre após uma situação de falha da simbolização, onde há algo que não participa da cadeia significante, estando na origem de um momento de angústia intenso.

A angústia aparece no momento em que o sujeito se pergunta qual a imagem de si mesmo vai ver no espelho; a imagem que o sujeito corre o risco de ver nesse momento é a de algo que não foi nomeado, a imagem de um corpo que ele não pode reconhecer, o objeto *a*. Isso que faz irrupção, o objeto *a*, insiste em retornar.

Como forma de evitar, de se defender da angústia, a qual comporta a problemática da identificação do sujeito com o objeto *a*, o sujeito rompe com a cena mediante ao ato, o sujeito busca uma saída, um corte, desvencilhar-se da posição ao qual ocupa, de identificação ao objeto *a*. Ao contrário do *acting out*, onde o sujeito apresenta ao outro o objeto *a*, na passagem ao ato o sujeito se identifica ao objeto enquanto aquele que vem tamponar a falta resultante da articulação com Outro. Ao se identificar ao objeto *a*, o sujeito evidencia sua posição de dependência do sujeito ao Outro, o sujeito encontra-se alienado ao Outro.

O ato é o movimento do sujeito que visa a separação, a saída da posição de alienação ao Outro e o rompimento com a identificação ao objeto *a*. Na passagem ao ato há uma subtração do sujeito em relação ao Outro, ela está referenciada a um “não” proferido ao Outro.

Na passagem ao ato, ao contrário do *acting out*, não há espectador, não há cena. O sujeito não acena para o Outro, está “morto”. E por isso, um ato será sempre auto, será sempre o que o separa do Outro. Para Lacan o único ato verdadeiramente bem-sucedido seria o suicídio, justamente por não querer saber nada do Outro, por separar-se dos equívocos da linguagem (Miller, 2014).

A queda do objeto *a* na passagem ao ato é destacada por Brodsky (2004, p. 74) como "rechaço do inconsciente" que encontra no suicídio sua maior expressão na medida em que o êxito demarca uma ruptura definitiva com a cena do Outro.

No seminário *A Angústia* Lacan inclui o ato suicida como uma passagem ao ato, Miller (2014) complementa tal afirmativa destacando que a passagem ao ato bem-sucedida, a única que atinge seu objetivo, a que possui uma saída plena do sujeito da cena para o mundo, é o suicídio. O suicídio vem como um modelo de ato, pois proporciona ao sujeito duas formas de rompimento, sendo uma referenciada ao rompe a relação do sujeito identificado ao objeto *a*, e a outra ao rompimento com o Outro.

É a partir do suicídio que Lacan pensa o ato e o toma como paradigma do ato propriamente dito, ou como coloca Miller (2014) o ato verdadeiro. Trata-se, como diz Lacan, de extrair da angústia a sua certeza, certeza de que o objeto é perdido, o que faz ser considerado por Lacan, e posteriormente retomado por Miller (2014) como o modelo de ato.

Ao debatermos a respeito da passagem ao ato suicida, uma questão se faz presente. Se o suicídio está referenciado ao modelo de ato, ou o ato bem-sucedido, no *acting out* o suicídio possui o mesmo status que está presente na passagem ao ato? Como resposta a tal questão recorreremos ao que Miller (2014) apresenta, segundo ele no *acting out* também encontramos atos de suicídio, entretanto esses não são da mesma ordem que encontramos na passagem ao ato. Segundo Miller (2014) o suicídio referenciado ao *acting out* é um apelo ao Outro, um endereçamento ao Outro, próprio da estrutura do *acting out*, o que o possibilita pensá-lo como falho.

A passagem ao ato suicida possibilita ilustrar a disjunção total que pode operar entre o registro do organismo, do bem-estar, por sua homeostase de um lado, e a coisa que o habita, que o corrói, e nesse momento o destrói. Essa concepção se articula com a noção de Pulsão de morte proposta por Freud em *Além do Princípio do Prazer* (1920/1996), onde ele propõe que a pulsão de morte, seria voltada à descatexização, à inanição, à diminuição da excitação, sendo entendido como uma tendência que levaria à eliminação da estimulação do organismo.

Miller (2014) chama atenção para o fato de que o ato suicida, em um curto-circuito, vai ao encontro dessa zona, a um só tempo central e excluída do mundo subjetivo, chamada de gozo. O gozo neste caso já não se satisfaz mais no sintoma. Segundo Tendlarz e Garcia (2013) casos em que a passagem ao ato teve êxito, são os que ela alterou a fonte de gozo, o que Lacan (1974/1993) traz que a passagem ao ato atinge o que aponta ao cerne do ser, sendo que na passagem ao ato, há tentativa de barrar o gozo do Outro.

Tendlarz e Garcia (2013) destacam as características da passagem ao ato:

sendo que esse assume o modo temporal da urgência, como característica subjetiva da peremptoriedade. Em sua fenomenologia ou conduta observável, constata-se uma descontinuidade; uma ruptura da conduta contínua, regular e constante, da subjetividade, da cadeia de motivos; que fica de fora do cálculo e do premeditado do sujeito em si, o que se diz sobre a passagem ao ato surge a posteriori. Pode servir para uma mutação na economia subjetiva, a uma mutação subjetiva que contém uma modificação radical na posição do sujeito e não da pessoa. (p.13).

É importante ressaltar que a passagem ao ato não é específica a nenhuma estrutura em particular, sendo que existem diferentes particularidades da passagem ao ato tanto na neurose como na psicose e na perversão. Tendlarz e Garcia (2013) apresentam sucintamente tais questões.

“Na passagem ao ato na psicose está presente a força, o impulso desarticulado impossível de se delinear, do fantasma”. (Tendlarz e Garcia; 2013, p. 15). Riguini (2005)

destaca que na paranoia o gozo localiza-se no Outro, o que não ocorre na esquizofrenia, no qual o gozo está no corpo, o Objeto *a* localiza-se como um excesso de gozo no corpo.

No que concerne a perversão, Tendlarz e Garcia (2013) destacam que esta envolve colocar em cena um fantasma, “por onde a eleição das vítimas obedece e responde a uma condição erótica particular” (p.15).

No que se refere a neurose, a passagem ao ato pode ser considerada como uma precipitação do sujeito, a partir de um encontro desestabilizador, para fora da cena fantasmática, em que ele ocupa uma posição de resposta ao desejo do Outro (Carvalho, 2002).

Como destaca Dutra (2000), ainda que o faça de forma diferente, o sujeito, em algum nível, estará às voltas com o Outro e ameaçado pela aproximação com o objeto *a*, seja na neurose, na psicose ou na perversão.

É importante destacar que todo ato equivale a uma espécie de suicídio do sujeito, é um divisor de águas, o qual visa a mutação subjetiva. Refere-se ao movimento do sujeito de se identificar enquanto tal, de transgredir a posição identificatória ao qual se encontra.

Na busca de seu status de sujeito ele se precipita e despenca fora da cena, dando ao ato, uma definição de ultrapassagem de uma lei, de um conjunto simbólico, no sentido de ir além. O sujeito logo depois da passagem ao ato não será o mesmo (Tendlarz e Garcia, 2013; Miller, 2014), há o renascimento do sujeito. Retomando o sentido original da palavra *niederkommen* “dar à luz”, após o ato nasce o sujeito. , o sujeito não é mais o mesmo depois do ato.

## 4 A BORDANDO O ATO.

### 4.1 ATO, INCONSCIENTE E SINTOMA.

“Denominamos inconsciente um processo psíquico cuja existência somos obrigados a supor – devido a algum motivo tal que o inferimos a partir de seus efeitos”  
(Freud, 1976, p. 90)

Ao declarar que não somos donos de nossa própria casa, Freud evidencia que há uma instância que tem papel fundamental em seu psiquismo, da qual o sujeito não tem livre acesso, apenas através de suas manifestações, estamos falando a respeito do inconsciente. Em seus estudos a respeito da histeria as manifestação sintomáticas apresentadas por suas pacientes possibilitou a Freud a construção do conceito de inconsciente. Descrevendo que o inconsciente se manifesta através de fragmentos da fala que revelam o inusitado, a esses fragmentos é dado o nome de formações do inconsciente.

As formações inconscientes são foco de estudo Freud, e mais tarde de Lacan que retoma a questão fazendo acréscimos. Nos anos de 1957 e 1958, Lacan profere um seminário justamente a respeito das formações do inconsciente. Nesse seminário ele retoma alguns textos freudianos como *Inibição, sintoma e angustia*, bem como o chiste apresentado no livro de Freud, *O chiste Familiar*.

No seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan (1964/2008) destaca os fenômenos presentes nas formações do inconsciente e o fato que Freud fica “siderado por esses fenômenos e neles vai procurar o inconsciente” (p.32). Os fenômenos citados se referem ao tropeço, desfalecimento, rachadura, os quais mais tarde ele vai relacionar aos sonhos, chistes, lapsos, esquecimentos, atos e também ao sintoma. “Ali, alguma outra coisa quer se realizar – algo que aparece como inintencional, certamente, mas de uma estranha temporalidade” (p.23).

Retomando o proposto por Lacan (1957-58/1999), no seminário *As formações do inconsciente*, é possível pensar as formações inconscientes e suas manifestações na linguagem com uma estrutura formal expressiva, singular e semelhante. Elas se manifestam seja pela homofonia, lapsos equívocos, atos falhos, onde há um tropeço, onde a linguagem falha. É nesse momento que a verdade do sujeito aparece, a verdade inconsciente, a qual busca burlar a barreira da censura (Callegari, 2002).

Ao pensar o inconsciente referenciado a falha na linguagem, por meio da qual o que estava recalcado emerge, possibilita refletir a respeito do esquema de Lacan, quando esse se refere à cadeia significante. Lacan (1960/1998) relaciona o inconsciente com o significante “O inconsciente, a partir de Freud, é uma cadeia de significantes que em algum lugar (numa outra cena, escreve ele) se repete e insiste” (p.813). Desta forma, o inconsciente encontra-se relacionado ao S1, o um, o significante primeiro, o qual por si só não tem significação nenhuma, ele é o início da cadeia, sendo necessário um outro significante que venha representá-lo apresentado por Lacan como S2.

Brodsky (2014) recorda o que é apresentado por Lacan a respeito da presença do S1 e o complementa apresentando o inconsciente enquanto um enxame de S1, demonstrando que o estatuto do inconsciente estaria relacionado ao fato que todos os significantes seriam S1. Segundo a autora, no inconsciente encontramos vários S1, como um enxame de abelhas, não havendo nada que os distinga um significante do outro, pois ao se tratarem todos de 1 não é possível um referenciar, ou significar o outro.

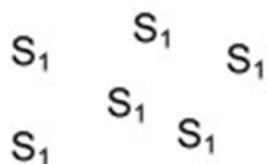


ILUSTRAÇÃO VII Inconsciente

Lacan no seminário *O Avesso da Psicanálise* (1969-70/2007) coloca que um significante representa o sujeito para outro significante, é importante refletir e remeter ao fato, debatido por ele no seminário *Mais, ainda* (1972-73/2008) a respeito do significante e a necessidade de um outro significante. Nesse seminário Lacan (1972-73/2008) coloca que um significante em si não significa nada, o significante enquanto único, não tem nenhuma relação com o significado, ele por si só não se basta, é puro *non sense*. Para que o significante adquira sentido é necessário que ele “se refira a um discurso, quer dizer, a um modo de funcionamento, a uma utilização da linguagem como liame” (Lacan, 1972-73/2008, p. 36).

A estrutura do significante se caracteriza pela articulação e introdução da diferença, para além do um, sendo o significante definido em relação a outros significantes. Desta forma, ao considerarmos o inconsciente como S1, que emerge a consciência é necessário um outro

significante para compor o discurso, exemplificado como S2, pois, conforme descrito anteriormente, ao se referir ao discurso se presume a existência de outro significante:

S1 → S2

*ILUSTRAÇÃO VIII Significante*

Conforme é possível observar acima, para colocar o significante em movimento é necessário um outro significante, o que foi destacado por Lacan no seminário *A lógica do fantasma* (1966-67), pois caso contrário o significante não funciona, ou seja, é necessário haver uma estrutura significante, na qual o sentido insiste.

Pela via das formações do inconsciente, o S1 chega à consciência, estando o ato falho, um dos focos do presente trabalho, situado como um dos veículos que possibilitam tal atravessamento. O ato pode ser considerado como o portador de uma mensagem, um dizer referenciado ao sujeito do inconsciente, “O ato é, por sua própria dimensão, um dizer. O ato diz algo” (Lacan 1967-68, p. 93).

Ao referenciar os atos ao significante, Lacan referêcia os atos falhos, em seu caráter de um inconsciente que clama por interpretação, e manifesta-se no ato que falha, lapso, a troca de nomes, os quais surgem como um significante, que necessita de outro para dizer sobre ele. O que surge pela via do ato refere-se ao não sabido do sujeito, é algo da ordem do inconsciente cujo teor o sujeito não sabe, sendo tomado pelo espanto, pela surpresa, e considerado pelo sujeito como um equívoco, uma falha, entretanto, segundo Lacan (1953-54/1996), este fato é o que torna um ato bem-sucedido, pois ele possui a característica de confessar, de revelar a verdade do sujeito do inconsciente.

A verdade do sujeito segundo Lacan (1953-54/1996) surge pelo que é manifesto no equívoco, no ato que falha, complementa que “ela se funda pelo fato de que fala, e não dispõe de outro meio para fazê-lo”. A posição de Lacan reafirma que o que fala é o inconsciente e “Freud soube deixar, com o nome de inconsciente, a Verdade falar” (Lacan, 1998, p. 882).

Entretanto é importante destacar que a Verdade, com V maiúsculo, enquanto aquela que está referenciada ao sujeito do inconsciente, dela não se pode falar toda, ela não pode ser dita a não ser pela sua metade, há apenas um semi dizer, como afirma Lacan (1969-70/1996, p. 49): “nenhuma evocação da verdade pode ser feita se não for para indicar que ela só é acessível por um semi dizer”. Como forma de exemplificar o acesso a Verdade, Lacan (1969-70/1992)

utiliza-se da analogia da verdade como um pássaro que levanta voo, no exemplo temos uma indicação, uma imagem do pássaro, mas à medida que nos aproximamos dele, o pássaro levanta voo e não se pode capturá-lo por inteiro.

Em vários textos Lacan trabalha a respeito da temática da verdade em sua articulação com o inconsciente. No presente trabalho a proposta não é trabalhar intensamente a temática, mas o momento necessário que ela se articula com a temática dos atos na psicanálise. Para tal, é importante destacar que a relação apresentada por Lacan entre a verdade e o saber, sendo a verdade como a que revela algo da ordem do saber, do saber que não se sabe. A questão referente ao saber pode ser encontrada na fórmula trabalhada anteriormente:

$$S1 \longrightarrow S2$$

O S2 vem demarcar que há saber, o qual é produto da articulação significante. “se há um saber que não se sabe, como já disse, ele é instituído no nível de S2, ou seja, aquele que chamo de outro significante” (Lacan, 1969-70/1992, p. 33).

Na cadeia significante o que o S2 vem denunciar é que há um saber inconsciente. “O que Freud sustenta como o inconsciente supõe sempre um saber, e um saber falado. O inconsciente é inteiramente redutível a um saber. É o mínimo que supõe o fato de ele poder ser interpretado” (Lacan, 1975-76/2007, p. 127).

A lógica presente na cadeia significante possibilita que o enxame de S1 seja apresentada ao sujeito pela via do S2, o que possibilita que o desvelar da mensagem enviada ao outro, seja de maneira abrupta, explícita ou radical, como no caso dos atos falhos, *acting out* e a passagem ao ato ou de maneira cifrada como encontramos no sintoma. Tanto os atos quantos os sintomas portam em si um saber, denotando assim que ambos estão referenciados a lógica significante.

No que se refere ao sintoma Lacan (1998) destaca que "do mais simples ao mais complexo dos sintomas, a função significante revela-se preponderante, por surtir efeito neles já no nível do trocadilho" (p. 448). Nesse sentido, o sintoma está no registro do simbólico, retendo um saber que o sujeito se recusa a reconhecer, mas que por sua vez, é interpretável por um outro.

No seminário *O Ato Analítico*, Lacan é enfático ao afirmar que o grande legado de Freud sobre os atos falhos é revelar que eles são interpretáveis e assim como qualquer ato se caracteriza por sua dimensão significante. O caráter falho do ato se dá devido à dimensão

significante que implica uma alienação a cadeia significante e conseqüentemente uma perda. É possível destacar que os atos são constituídos pela dimensão significante e orientados por coordenadas simbólicas da linguagem. Não é somente a semântica que se revela no momento do ato, mas por se tratar de um fenômeno linguístico, podemos perceber que há leis que regem a própria linguagem em que ocorrem.

Ao considerarmos tanto sintoma quanto ato relacionados à dimensão significante, em sua relação com o Outro, e ainda que ambas possuem o caráter de serem interpretáveis, questiona-se, a proximidade de ambos os conceitos e eles são em si similares.

Em alguns dos textos freudianos como *Psicopatologia da vida cotidiana* e o seminário de Lacan *Os Quatro conceitos fundamentais da psicanálise* é possível perceber que em momentos, os atos falhos são tratados em similaridade ao sintoma. Conforme destacam Calazans e Neves (2008) a similaridade entre sintomas, sonhos, atos falhos e chistes, é percebida em Freud não apenas para ilustrar o inconsciente, mas por que os sonhos, atos falhos e chistes são da mesma tessitura do sintoma, produzido pelo inconsciente.

Freud (1915/2004) no texto *A repressão*, destaca que as manifestações sintomáticas, assim como os atos falhos são índices do recalcado o que reforça a proposição que ambos são produtos do inconsciente. Entretanto é necessário destacar que apesar de haver essa similaridade entre ambos, há no ato algo que o diferencia do sintoma.

Brodsky (2014) faz uma reflexão a respeito do que está no âmbito do ato e do sintoma. A autora destaca, que mesmo havendo uma proximidade, os dois possuem caráter diferente, a considerar o sintoma relacionado à lógica da cadeia significante. Uma cadeia significante que está localizada pelo viés do que não cessa, do que repete, possível à medida que concebemos o inconsciente enquanto cadeia, uma articulação significante, enxame.

Os atos por sua vez realizam o movimento contrário ao do sintoma. Enquanto o sintoma encontra-se vinculado a lógica da repetição, o ato está referenciado a interrogar o que falha na cadeia significante. Contrariamente ao que ocorre no ato, que possui como característica o imprevisto, a surpresa, o sintoma encontra-se na ordem do costume, conforme destaca Brodsky (2014, p. 34) “uma coisa é fundar, outra é permanecer fundando”. A lógica temporal do ato está relacionada ao acontecimento, ao evento, a qual é possível perceber no ato falho, no *acting out* e na passagem ao ato.

No que se refere à similaridade entre ato e o sintoma em suas formas de expressões no endereçamento ao Outro, é possível destacar que ao nos referirmos ao sintoma. Esse possui o caráter de uma mensagem cifrada, cujo destinatário é o próprio sujeito, não há inclusão do

Outro. É uma mensagem cifrada que encontra lugar para sua interpretação e elaboração no espaço analítico e que, ao mesmo tempo, provoca resistências ao seu tratamento. Há uma similaridade com o ato falho no que se refere a não inclusão do Outro no momento do ato, entretanto ele não porta em si uma mensagem cifrada, é uma mensagem direta, algo que irrompe no sujeito. No caso do *acting out* há um endereçamento ao Outro realizado pela via da mostração (Lacan, 1957-58/1999), o sujeito atua ao Outro, é necessário um Outro para que ocorra o *acting out*. É importante destacar que no caso da passagem ao ato, o que ocorre é o contrário das outras formas de ato e do sintoma, sendo que no momento que o sujeito passa ao ato ele rompe com o Outro, é sair fora da cena é o que Miller (2014) traz como um não direcionado ao Outro.

Com base no exposto podemos verificar que apesar de que em momentos sintoma e ato são tratados de forma similar, há entre eles uma distinção concreta no que se refere as suas formas de manifestações, a qual pode ser evidenciada também, em sua articulação com a cadeia significante. Enquanto o sintoma encontra-se relacionado a articulação da cadeia significante, o ato refere-se ao momento onde a cadeia significante falha.

#### 4.2 O ATO, FALHA

No subcapítulo anterior, debatemos a respeito dos atos em sua articulação com o sintoma, ao findar dele destacamos que o ato está referenciado ao momento onde a cadeia significante falha, sendo que a partir do momento que o ato se encontra referenciado a falha na cadeia significante, podemos retomar a proposição lacaniana de inconsciente enquanto o discurso do Outro, “o lugar do tesouro do significante” (Lacan, 1960/1998, p. 820). É importante destacar que esse não é o outro que se evidencia na imagem especular, mas o Outro enquanto alteridade absoluta, ou seja, o sujeito é agora constituído pelo Outro (Autre), representante da linguagem.

O Outro é compreendido como o tesouro dos significantes, uma vez que “o significante só se constitui por uma reunião sincrônica e enumerável, na qual qualquer um só se sustenta pelo princípio de sua oposição a cada um dos demais” (Lacan, 1960/1998, p. 820). O Outro como o tesouro dos significantes, ocupa a posição mestra, de denominação, é dele que o sujeito recebe a própria mensagem que emitiu. O Outro é quem introduz o sujeito no campo da linguagem, ganhando dessa forma o estatuto de Outro da linguagem, que porta um saber e uma verdade.

Quando há um sujeito falante, não há como reduzir a um outro, simplesmente, a questão de suas relações como alguém que fala, mas há sempre um terceiro, o grande Outro, que é constitutivo da posição do sujeito enquanto alguém que fala, isto é, também como sujeito que vocês analisam. (Lacan, 1957-58/1995. p. 186).

Podemos compreender então, o movimento realizado pelo sujeito em direção ao Outro, o qual é tomado como referencial, de modo que o sujeito demanda ao Outro um saber sobre si mesmo. Contudo, o saber inconsciente, apresenta um não-saber, “em torno do qual toda a estrutura orbita: trata-se da diferença sexual que se recusa ao saber” (Jorge, 2002, p. 23).

O não saber evidencia que o inconsciente é um saber que vem tentar preencher a falha instintual, mas não a preenche completamente, há sempre algo que resta, a não-inscrição da diferença sexual. Esse algo que resta, o que já tratamos em momento oportuno como o objeto *a*, que é escrito por Lacan a partir da relação evidenciada pelo matema S ( $\mathcal{A}$ ), o significante da falta no campo do Outro.

O matema S ( $\mathcal{A}$ ) é trabalhado por Lacan quando esse apresenta o grafo do desejo. Naquele momento Lacan debatia a respeito do enigma do desejo do Outro, e do movimento do sujeito que clama ao Outro, *Che Vuoi?* Recebendo como resposta um vazio, não há resposta ao saber vinda do Outro, há nada que garanta uma verdade ao Outro (Lacan, 1960/1998).

Brodsky (2004) discorre a respeito da relação do Outro barrado ( $\mathcal{A}$ ) e sua relação com a histeria e a obsessão. Segundo a autora, a histérica reage no intuito de não consentir com a inconsistência do Outro ( $\mathcal{A}$ ), a impossibilidade do Outro a definir, nesse sentido “a histérica insiste em assinalar a impotência do Outro, justamente porque não consente em aceitar sua impossibilidade de responder com um saber sobre sua identidade” (p.128).

No que tange ao obsessivo, este permanece esperando que os outros lhe peçam o que fazer, renunciando seu desejo, que adquire a modalidade de impossível. A dimensão do Outro barrado é obstruída pelos pensamentos do sujeito, ocasionando uma espécie de não se haver com a inconsistência do Outro. Brodsky (2004) destaca ainda, que a angústia no obsessivo não o precipita ao ato, “mas antes ganha uma coloração paranoide que incide sobre os outros sob a forma de [O que irão dizer?]” (p.129).

A relação do sujeito com o Outro ( $\mathcal{A}$ ), enquanto faltoso, barrado, refere-se ao fato de que algo, pela via do significante, falta. Jorge (2002) destaca que mediante a falta instintual, exemplificado pelo  $\mathcal{A}$ , há um saber que buscar preenche-la, o inconsciente, mas ele não pode

preenche-la por completo resta sempre a “não inscrição da diferença sexual<sup>8</sup>, o que Lacan traduziu como a falta do significante do Outro” (p.67). Lacan (1968-69/2008, p.144) afirma que “de toda conjunção significante resulta um efeito de resto”.

Brodsky (2014) destaca que o (*A*) é o representante da inconsistência do Outro, revelando o objeto *a* como referente latente a cadeia significante, referenciado ao não sei que sou no desejo enigmático do Outro. Mediante a revelação do *a* enquanto resto da cadeia significante, este, o significante faz o movimento de tentar nomear esse resto (objeto *a*), operação impossível, uma vez que o *a* refere-se a isso que é inominável, ao que nunca completa a cadeia, ao que permanece fora da lógica significante, evidenciando, a determinação do campo do real. “A construção implica uma falha no saber, e é nessa falha que se situa o ato” (Brodsky, 2004, p. 40).

Lacan em seu ensino, afirma que todo ato é falho porque o significante não dá conta de eliminar a presença do real inominável, deixando o sujeito órfão de uma palavra que venha a se referenciar a uma verdade absoluta. No seminário *o ato psicanalítico* Lacan traz que apesar de Freud tratar a ideia de ato como falho, é justamente aí que o ato encontra abrigo, justamente na falha.

Ao pensarmos os atos enquanto falhos, é necessário discutirmos a respeito do caráter falho do ato e o que o faz possui tal prerrogativa. Conforme foi evidenciado anteriormente, o objeto *a* apresenta-se relacionado a essa falha estrutural presente na constituição do sujeito, como destaca Lacan (1964/2008, p. 101) “o objeto *a* é algo de que o sujeito se separou como órgão. Isto vale como símbolo da falta, quer dizer, do falo, não como tal, mas como fazendo falta”.

Como forma de exemplificar o movimento do sujeito frente a falta, Lacan (1964/2008) apresenta no seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* e analogia “a bolsa ou a vida! Se escolho a bolsa, perco as duas. Se escolho a vida, tenho a vida sem a bolsa, isto é, a vida decepada.” (p. 207). Conforme exemplificado, o sujeito encontra-se diante de uma escolha, qualquer uma das duas, implica uma perda, sendo que a escolha pela vida implica a perda da bolsa a qual o sujeito buscará constantemente recuperar, trata-se do objeto não alcançável, o objeto *a* inominável.

Prosseguindo com a lógica, da busca constante do sujeito para preencher a falha, encontramos no âmbito dos atos a expressão “todo ato falha”. Tal expressão está referenciada

---

<sup>8</sup> A não inscrição da diferença sexual está relacionada ao fato de que não há Outro do Outro, o significante do Outro barrado está referenciado, justamente ao fato que não há garantia da existência do Outro, outro sexo.

ao movimento realizado pelo ato na busca do re-encontro com a condição inaugural. O ato falha em sua busca da vivência alucinatória de satisfação, a qual resulta no fato de nunca obter aquilo que busca, há apenas uma defasagem, que se evidencia por meio dos chistes, lapsos, mostrações, atuações e da passagem ao ato.

Ao se referir aos atos falhos, é possível pensá-los em relação ao âmbito da falha enquanto intenção, expressa pela proposição interferente, que é repetida pelo sujeito, tenha ele percebido ou não a intenção perturbadora. Os atos falhos podem vir a ser coerentemente explicados se cumprirem sua função, que é a de recuperar os pensamentos que o originaram, os quais o sujeito não pode falar, trata-se do que Jorge (2002) apresente como inconsciente enquanto saber.

Brodsky (2004) destaca que a referência ao inconsciente também está presente do âmbito do *acting out*. Segundo a autora, o *acting out* é o fenômeno “vinculado à dialética do inconsciente, dirigido ao Outro, decifrável, interpretável, vinculado a verdade” (p.74). A passagem ao ato, por sua vez, estaria situada no lado oposto do *acting out*, ela se refere ao que estaria na posição de rechaço do inconsciente.

A oposição *acting out* e a passagem ao ato é apresentada por Lacan no seminário *a angústia*. No que se refere ao *acting out* o sujeito se coloca na cena para o Outro, demonstrando uma demanda velada direcionada ao Outro. O movimento realizado pelo sujeito quando faz um *acting out* refere-se ao fato de que esse mostra em ato o que falhou na operação de simbolização, o que caiu da cadeia significante, o resto. Segundo Birman (2017) o *acting out*, “existe uma exteriorização de algo inscrito como uma representação no psiquismo” (p. 216).

Ao se questionar a respeito do que é o *acting out*, Lacan (1962-63/2005) refere-se a ele como o surgimento do objeto *a* na cena, com seus efeitos de perturbação e de desordem. Ou seja, no momento do ato, o sujeito apresenta ao Outro o objeto *a* isso que resta da operação significante, o inominável. Lacan (1962-63/2005) nos diz que o *acting-out* clama pela interpretação, porém, devemos saber se está é possível. Sendo necessário considerar o que ele é o começo da transferência, a transferência selvagem, fenômeno que pode ocorrer fora do processo de análise.

Ao contrário do *acting out* na passagem ao ato não há o movimento do sujeito de apresentar o objeto *a*, a relação com o objeto se dá de outra forma, uma vez que o sujeito encontra-se identificado ao objeto *a*, identificado com o resto, com o nada. Lacan defende que mediante a identificação do sujeito com o objeto, ele faz o ato de se lançar para fora da cena, deixa-se cair, o ato efetua um corte em relação ao campo do Outro.

Segundo Birman (2017) na passagem ao ato, “ocorre uma descarga de excitabilidade que, pela sua inespecificidade, não segue as linhas de uma simbólica” (pp. 216-217), como referenciais a essa descarga encontramos as ações violentas ou transgressivas que o sujeito realiza contra si mesmo ou outro, tem como papel de fundo, justamente o movimento do sujeito em romper, abruptamente com a identificação ao objeto *a*. Miller (2014) descreve o suicídio como o ato verdadeiro, uma vez que ele realiza a função da passagem ao ato, a disjunção total do sujeito enquanto *a* e o Outro. Pela via do suicídio, cujo preço é a vida do sujeito, o real se faz bem-sucedido. É importante destacar que no *acting out* também há referências ao suicídio, o qual segundo Miller (2014) é falho, uma vez que no *acting out* o suicídio vem no sentido de um apelo ao Outro.

No que se refere ao suicídio na passagem ao ato, quando o sujeito realiza o ato, e esse não resulta na extinção do sujeito, tal movimento é segundo Miller (2014) uma passagem ao ato falha, pois não cumpre sua tarefa na integralidade, ou seja, a que não resulta na morte do sujeito, cai na cadeia significativa. O momento que ocorre após a passagem ao ato, falha, resultando justamente na inserção do ato na cadeia significativa o qual tem por função buscar um sentido, buscar um saber (S2) a respeito do ato, algo que venha representar o S1, o ato.

Conforme destaca Brodsky (2004) “A dose de suicídio implicada em um ato porque um sujeito nunca é o mesmo depois de um ato, é como se algo morresse nele”. (p.131). A autora destaca o caráter transgressor do ato, que não se realiza apenas pela via da passagem ao ato suicida propriamente dito. Encontramos o caráter de transgressão nas três formas de ato apresentadas nesse trabalho, atos falhos, *acting out*, e passagem ao ato, pois segundo Miller (2014, p. 5) “todo ato verdadeiro, todo ato que marca, que conta, é transgressão”.

Entender o ato em seu caráter transgressor, supõe considerá-lo como uma ultrapassagem de um código, de uma lei, de um conjunto simbólico, “é a infração que permite que esse ato tenha a oportunidade de remanejar essa codificação” (Miller, 2014, p. 05). Segundo Miller (2014, p.9) “só existe ato no franqueamento de um limite significativo”, o ato adquire seu valor porque está referenciado a coordenadas apresentadas pelo universo da linguagem, ao limite da lei simbólica.

Como forma de exemplificar o ato enquanto ultrapassagem, Lacan (1967-68) recorre á passagem de César pelo rio Rubicão, nessa passagem ele destaca que, por seu ato, Cesar realiza a ultrapassagem de um limiar sancionado pela lei, produzindo um efeito de ruptura. Depois de atravessar o limite que o Rubicão demarcava, ou seja, de ultrapassar as coordenadas

simbólicas que regiam as leis da época, César não será mais o mesmo. Seu ato inscreve, necessariamente, um antes e um depois, devido à ruptura e à transformação que ele efetua.

Após a ultrapassagem, propiciada pelo ato, o sujeito não é mais o mesmo, há uma alteração, uma mudança de posição subjetiva. Miller (2014), ao debater a respeito do caráter de ultrapassagem proporcionado pelo ato, destaca que o ato como tal é fora de sentido, ele não prevê o futuro, o que virá depois, ele é em si, sem depois. O autor destaca que o que virá depois é outro que cumpre, ou seja, que o sujeito após o ato não é o mesmo.

Para pensar tais questões, retomaremos dois exemplos de ato, referenciados a Freud e a Lacan. No que se refere a Freud, é possível pensar que no momento que a jovem homossexual relata que os sonhos eram mentirosos, Freud “passa ao ato” realizando o encaminhamento da jovem a uma outra analista. Conforme destaca Lacan (1962-63/2005), diante de tal posicionamento, Freud sentiu ameaçada sua teoria, a fidelidade do inconsciente e então passa ao ato. O que Freud produz após seu ato, é a busca intensa em “provar” a consistência de sua teoria.

Em Lacan por sua vez, é possível pensar o ato mediante a rejeição do Outro<sup>9</sup>, onde ele encontrou na posição de “passar ao ato”, a possibilidade de elaborar alguns dos pontos mais preciosos de seu ensino, revelar o que Miller (2014) chama de verdadeiro Lacan. Em ambas as situações é possível verificar o caráter transformador que o ato possui. Segundo Brodsky (2004), para que a ultrapassagem seja possível é necessário tê-las no horizonte, é necessário situar o Outro e ir além dele.

No seminário *O ato psicanalítico* Lacan insiste no caráter radical e definitivo do ato, segundo ele há algo que define um ponto que não tem retorno, depois o sujeito não será como antes, esse algo é o ato. Posteriormente, no mesmo seminário, Lacan continua a considerar o sujeito enquanto transformado por seu ato, refletindo a respeito do ato enquanto corte que se realiza na superfície topológica do sujeito e que modifica sua estrutura do sujeito.

Desta forma é possível perceber que o ato possui um status de transformação do sujeito, em outros termos, como traz o próprio Lacan (1967-68), o ato possui valor de fundação do sujeito. Há de se demarcar ao final desse texto que o caráter fundante do ato está relacionado com a função do objeto *a*, enquanto o que falha na cadeia significante, presente nos atos, os quais estariam referenciados a um dizer subjetivo acerca do sujeito.

---

<sup>9</sup> Recordando o momento em que Lacan envia a Freud seus escritos a respeito do estágio do espelho, e Freud não demonstra interesse no texto, sendo considerado por alguns teóricos como uma rejeição de Freud para com a teoria de Lacan.

## CONCLUSÃO

Os atos possuem papel importante na construção da teoria psicanalítica, eles indicam o caminho ao qual o analista deve intervir. Considerando a importância dos atos, a presente dissertação iniciou delimitando a temática presente nos escritos de Freud.

Brodsky (2004) destaca que os atos têm duas grandes entradas na teoria de Freud, a primeira pela via dos atos falhos, os quais possuem uma significação, trata-se dos atos interpretáveis. A segunda via é o *agieren*, (*acting out*) atuação, abordando o ato de outra forma, de outro lugar, pela via da atuação.

Lacan no desenvolvimento de sua teoria buscou delimitar o que são atos e os diferencia da ação. Um ato vai além de um ato motor, ele ultrapassa o mecânico, trata-se de um ultrapassar a lei, que está relacionado com o instante, com o que emerge para o sujeito. Ao retomar a teoria freudiana, Lacan discorre a respeito das duas vias destacadas por Brodsky, fazendo avanços, em especial referenciados ao conceito de *acting out*, o qual diferencia da passagem ao ato.

Orientados pela questão inicial referente ao que é um ato, o presente trabalho buscou debater a respeito da origem das três formas de atos e suas representações, para tal recorreremos há algumas definições que estão intimamente relacionados a temática, como o inconsciente e a constituição do sujeito, exemplificado pelo estágio do espelho. Vale destacar que o percurso de investigação iniciou em Freud, passando posteriormente a Lacan, tal percurso se fez presente na organização do trabalho, assim como na escolha da ordem da temática, iniciando pelos atos falhos, *acting out* e a passagem ao ato.

No primeiro momento foi realizada a pesquisa a respeito dos atos falhos, que tem sua origem relacionada a busca de Freud em comprovar a existência do inconsciente. Freud destaca que o inconsciente se apresenta por suas lacunas, o que Lacan chama de formações de inconsciente, dentre as quais se destacam os atos falhos, sonhos e sintomas. Por meio do ato que falha, algo é dito referente ao sujeito do inconsciente, que está referenciado a verdade do sujeito, a considerar que a verdade é não toda, ela só é acessível por um semi-dizer, que podemos referenciar aos atos falhos.

Seguindo a lógica freudiana de apresentação dos conceitos, e considerando que os atos falhos estão referenciados a um dizer, debatemos a respeito do *acting out*. Freud não faz maiores distinções a respeito desse conceito, cabendo a Lacan o delimitar. Lacan descreve o *acting out* como o que acontece fora da situação analítica, ele é a transferência selvagem, a transferência que ocorre fora da análise. Baseado nessa concepção, buscou-se identificar o que ele apresenta

a respeito da transferência, destacando a função do sujeito suposto saber, sendo que ao final de uma análise se visa justamente a redução do sujeito suposto saber à objeto *a*. A primeira possibilidade no trajeto de redução do sujeito suposto saber ao objeto *a*, diz respeito as três formas de ato, pelas quais o sujeito escolhe a alienação. A primeira alienação esta referenciada a constituição do sujeito, a re-escolha não seria um retorno ao estado anterior. Ela é um retorno que nega o trajeto realizado, o qual é realizado pela via do *acting out* e da passagem ao ato (Dunker, 2011).

No desenvolvimento do texto foi possível observar que para Freud a categoria do *acting out* abrangia desde atuações como referências ao conceito de repetição, entretanto *acting out* não é sinônimo de repetição, apesar de concordarmos que a repetição também está presente no *acting out*, eles são dois conceitos distintos, sendo que no primeiro há o valor de um endereçamento, uma mensagem dramatizada para o Outro, enquanto referenciado a posição de sujeito suposto saber. Por meio do *acting out*, o sujeito apresenta ao Outro o objeto *a*, clamando por interpretação.

O sujeito atua, se colocando na posição de Objeto *a*, representante do que escapou da cadeia significante, o resto. Como forma de trabalhar tal questão recorreremos ao estádio do espelho, onde Lacan apresenta a relação da imagem especular com o significante. No encontro do sujeito com sua imagem, proporcionado pelo espelho, ele busca a ratificação do Outro, entretanto algo dessa relação cai, algo não é simbolizado. O objeto *a*, estaria justamente referenciado a esse momento em que o significante vindo do campo do Outro vem furar esse corpo do sujeito, corpo real, entretanto algo escapa.

O que escapa está relacionado justamente com o encontro e identificação com o Outro que se apresenta como não todo, enquanto inconsistente exemplificado por Lacan (1962-63/2005) como  $\mathbb{A}$ , o Outro barrado, evidenciando que há uma falta no Outro, tratado por Lacan (1962-63/2005) como o Outro simbólico. Essa falta é necessária para que o sujeito, tentando causar falta no Outro, pudesse localizar a própria falta. Entretanto algo acontece com relação a falta do Outro, há uma falta da falta, não há falta no Outro, fazendo com que o sujeito venha a ocupar o lugar de objeto de gozo, o que tampona a falta no Outro, resultado na angústia. A Angústia, como coloca Lacan (1962-63/2005, p.64) “é sempre o isso que falta”, ela se produz no limite do *moi* (eu) quando esse é ameaçado por algo que não deve aparecer, o objeto *a*, o resto causa de desejo.

Na passagem ao ato, o sujeito se identifica com o objeto *a*, o objeto que vem tamponar a falta no Outro, evidenciando a alienação do sujeito ao Outro. O sujeito ao se identificar nessa

posição é tomado pela angústia e realiza em ato o rompimento com o Outro, ele passa ao ato, se jogando para fora da cena.

O conceito de passagem ao ato, não foi apresentado no início da teoria lacaniana, podemos destacar que, é um termo introduzido pela criminologia no século XIX, e utilizado pela psiquiatria clássica. Lacan, no percurso de construção conceitual, se depara com o termo *kakon*, apresentado por Guiraud, que possibilitou se aproximar do conceito de objeto *a*, nos permitindo pressupor que o *kakon*, está localizado na raiz do conceito de objeto *a* e da passagem ao ato, todavia, conforme foi possível verificar, o conceito de objeto *a* vai além da concepção de presente no *kakon*.

Mediante a conceituação de objeto *a* e sua relação com a passagem ao ato, caracterizada pelo movimento do sujeito de se jogar fora da cena, Lacan e posteriormente Miller, puderam destacar o caráter transgressor do ato, tratando-o como uma ultrapassagem. Nas palavras de Miller (2014, p.9) “um ato é sempre uma passagem, um franqueamento”. Essa concepção de ato nos permitiu explorar a passagem ao ato referenciada ao significante *niederkommen* em sua concepção “cair” e também, enquanto “dar à luz”, concepção que não foi muito utilizada por Lacan. Ao conceber o significante *niederkommen* enquanto “dar à luz” possibilitou debater que a passagem ao ato falha, à medida que não atinge seu objeto que é a morte do sujeito, possibilita um renascer.

A questão da passagem ao ato falha trabalhada no último capítulo, está referenciada a inserção do ato na cadeia significante. A medida que a passagem ao ato falha, ela entra na cadeia significante, ou seja, o que era somente S1(o ato), mediante ao “insucesso” do ato em atingir seu objetivo, advém um S2 para significar o S1. Tal movimento reforça a afirmação lacaniana que todo ato é falho, deduzindo que esse é o caráter singular as três formas de ato apresentados.

O capítulo possui dois subcapítulos, sendo que no primeiro, é realizado o debate a respeito dos atos e suas relações com o conceito de sintoma. Considerando que no sintoma há um endereçamento cifrado ao Outro, o que também podemos encontrar nos atos falhos e no *acting out*. Foi necessário refletir que apesar dos conceitos apresentarem similaridades, inclusive no que se refere a repetição, conforme já destacado, o sintoma é um não cessar de repetir, faz parte do jogo de significantes, nele que temos que ler o traço apagado do significante recalçado, que emerge na linguagem, enquanto o ato é um cessar, uma irrupção, não há sequência, não repete, ele é o que interroga a falha na cadeia significante.

Como título do último capítulo, foi utilizado o jogo de palavras, a bordando os atos, que possui as funções de fazer borda do trabalho no sentido de marcar seu limite, assim como

bordar o ato no trabalho, e destacar a função do *a* enquanto o que borda ato, no sentido do que marca. O que vemos ocorrer nos atos, com especial destaque ao *acting out* e a passagem ao ato, é uma referência ao objeto *a*, em suas apresentações distintas, resto, causa de desejo. Os atos vêm denunciar o que se refere a constituição do sujeito, da qual o sujeito não pode falar.

O sujeito fala mesmo que não seja por palavras. como formas de expressar os conteúdos aos quais as palavras faltam encontramos os atos, os quais estão referenciados ao dizer indizível, que remete a falha constituinte do sujeito. “O ato é, por sua própria dimensão, um dizer” (Lacan, 1967-68), ao sujeito falta palavras, entretanto a algo que fala nele, que se concretiza por meio dos atos. Miller (2014) destaca que o ato tem sempre o lugar de um dizer, que não basta uma ação para que seja um ato, é necessário um dizer que enquadre e fixe o ato.

Ao fim, destacamos que a dissertação seguiu a lógica temporal de construção dos conceitos de atos na psicanálise, de Freud à Lacan, entretanto ainda há um resto a concluir, o qual não foi tratado na presente dissertação, refere-se a uma outra forma de ato, trabalhada por Lacan, resultando no fato de este proferir um seminário a respeito, cito o ato analítico. Para tanto a presente pesquisa visou delimitar o tema atos, partindo dos atos falhos, *acting out* e passagem ao ato, o que possibilita abrir caminho para trabalhar a respeito do ato analítico, enquanto uma passagem. Em decorrência do ato, o sujeito suposto saber reduz-se ao *a*, o sujeito passa de analisando para analista, ele constitui “um verdadeiro começo, um ato criador que estabelece que esteja lá o começo” (Lacan, 1962-63/2005)

## REFERENCIAS

- AGUIAR, F. (2006) *Questões Epistemológicas E Metodológicas Em Psicanálise*. *Jornal De Psicanálise*, São Paulo, 39(70): 105-131, Jun.,
- ALBERTI, S. & ELIA, L. (org.) (2000). *Clínica e pesquisa em psicanálise*, Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.
- BENTES, L. V. G. *As patologias do ato*. Tese de Doutorado em Psicanálise. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia/Programa de Pós Graduação em Psicanálise, Rio de Janeiro, maio. 2011. Disponível em: <http://www.pgpsa.uerj.br/wp-content/uploads/2016/07/TESE-LENITA-BENTES.pdf> . Recuperado em: 23 de outubro de 2017.
- BIRMAN, J. *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- BOESKY, D. (1982). *Acting Out: A Reconsideration of the Concept*. *International Journal of Psycho-Analysis* 63: 39-55
- BRODSKY, G. (2004) *Short story: os princípios do ato analítico*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- BROUSSE, M.H, (1995). A pulsão I. In: FELDSTEIN et al., *Para Ler o Seminário 11 de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 31-41.
- BRUNHARI, M. V. DARRIBA, V. A. (2014). O suicídio como questão: melancolia e passagem ao ato. *Psicologia Clínica*, 26(1), 197-213. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652014000100013>
- BRUNHARI, M. V. DARRIBA, V. A. (2014) *O suicídio como questão: melancolia e passagem ao ato*. *Psicol. clin.* [online]. vol.26, n.1 [cited 2017-03-04], pp.197-213. Available from: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652014000100013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652014000100013&lng=en&nrm=iso)>. ISSN 0103-5665. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652014000100013>.
- CALAZANS, R. BASTOS, A. (2010). Passagem ao ato e acting-out: duas respostas subjetivas. *Fractal: revista de psicologia*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 245-256, ago.
- CALLEGARI, A. I. *Adoção ou doação*. *Correio da APPOA*, Porto Alegre, n. 103, junho. 2002.
- CALLIGARIS, C. (2005). *Uma linda mulher*. Disponível em: <http://psycneuro.blogspot.com.br/2012/06/uma-linda-mulher-por-contardo.html>. Acesso em: 13 fev. 2017.
- CAROPRESO, F. SIMANKE, R. T. (2006). *Compulsão à repetição: um retorno às origens da metapsicologia freudiana*. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 9(2), 207-224.

- CARVALHO, F. F. (2002). Psicose e passagem ao ato. *Abre campos - Revista de Saúde Mental do Instituto Raul Soares*, 2(2), 66-79.
- CHEMAMA, R. (2002). *Elementos Lacanianos para uma Psicanálise no Cotidiano*, CMC Editora.
- COSTA, L. A. (2010). *O que a repetição traz de novo: As dimensões de determinismo e contingência da repetição*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de São João del-Rei.
- DIAMANTINO, R. M. (2013). Dos restos, a metáfora: um retorno ao “Caso Signorelli”, de Freud. *Estudos de Psicanálise*, (39), 113-118. Recuperado em 12 de dezembro de 2017, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372013000100013&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372013000100013&lng=pt&tlng=pt).
- DOR, Joël. (1991) *Estruturas e clínica psicanalítica*. Trad. Jorge Bastos e André Telles. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre, 1991.
- DOR, J. (1991) *Introdução à Leitura de Lacan: o Inconsciente Estruturado como Linguagem*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas,
- DUARTE, L. P. L. (2013). O ato falho cifrado: que lugar para o ato analítico?. *Stylus* (Rio J.), Rio de Janeiro, n. 27, p. 91-103, out. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-157X2013000200009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2013000200009&lng=pt&nrm=iso)>.
- DUNKER, C. I. L. (2011). *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica: uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento*. São Paulo: Annablume.
- DUTRA, M. C. B. (2000) As relações entre psicose e periculosidade: contribuições clínicas da concepção psicanalítica da passagem ao ato. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. III, n.4, p. 48-58, 20 Revista de Iniciação Científica da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações, v. 6, n. 1, p. 11-20 dez.
- ETCHEGOYEN, R. H. (2004). *Fundamentos da técnica psicanalítica*. Porto Alegre: ArtMed.
- FINK, B. (1997) A causa real da repetição in: *Para ler o Seminário 11*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- FREUD, S. (1976). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. Conferência XXXI. – A dissecação da personalidade psíquica. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Direção da Trad. Jayme Salomão. (vol 22, pp.75-102). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1933)
- FREUD, S. (1996) O mecanismo psíquico do esquecimento. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud [ESB]*. Rio de Janeiro: Imago. Vol. III. (Obra Original publicada em 1898)

- FREUD, S. (1996). Esboço de psicanálise. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XXIII. (Obra Original publicada em 1938)
- FREUD, S. (1996). A interpretação de sonhos. in *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 4 e 5. (Obra Original publicada em 1900)
- FREUD, S. (1996). Estudos sobre a histeria. in: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, (Obra Original publicada em 1905)
- FREUD, S. (1996). Projeto para uma psicologia científica. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, V. I, p. 335-454. (Obra Original publicada em 1895)
- FREUD, S. (1996). Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise II). In *S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Vol. 12, pp. 191-203. Rio de Janeiro: Imago. (Obra Original publicada em 1914).
- FREUD, S. (1996). Um Caso de Histeria. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. 7. Rio de Janeiro: Imago. (Obra Original publicada em 1905)
- FREUD, S. (2004). Alguns Comentários sobre o Conceito de Inconsciente na Psicanálise. In: *FREUD, S. Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, p. 79-93. (Obra Original publicada em 1912)
- FREUD, S. (2006). O Inconsciente. In: *FREUD, S. Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, p. 13 - 74. (Obra Original publicada em 1915)
- FREUD, S. (2011) O Eu e o Id, Autobiografia e outros textos In: *Sigmund Freud, Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras, v XVI. (Obra Original publicada em 1923-1925)
- FREUD, S. (2011) Observações sobre a teoria e a prática da interpretação de sonhos. In: *Sigmund Freud, Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, v. XV. (Obra Original publicada em 1921)
- FREUD, S. (2011) Psicogênese de um caso de homossexualismo em uma mulher. In: *Sigmund Freud, Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras, v. XIII. (Obra Original publicada em 1920)
- FREUD, S. (2011). Psicologia das massas e análise do eu. In: *Sigmund Freud, Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras, v. XV, p. 272-287. (Obra Original publicada em 1921)
- FREUD, S. (2012). Totem e Tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros trabalhos. In: *Sigmund Freud, Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras, v. XI. (Obra Original publicada em 1912)

- FREUD, S. (2014). Conferências introdutórias à psicanálise. In: *Sigmund Freud, Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras, v. XIII. (Obra Original publicada em 1916)
- FREUD, S. (2014). A psicopatologia da vida cotidiana. In: *FREUD, S. Obras completas*. Rio de Janeiro: Cia das Letras. (Obra Original publicada em 1901)
- GARCIA-ROZA, L. A. (2007). *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- GIL, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ed. São Paulo: Atlas.
- GUIRAUD, P. (1931) Les meurtres immotivés. *L'évolution psychiatrique*. n° 2, 2ª série, mar.
- GUIRAUD, P.; CAILLEUX, B. (1928). Le meurtre immotivé, réaction libératrice de la maladie, chez les hébéphrénique. *Annales médico-psychologiques*. t. 1 e 2, 12ª série.
- HANS, A. L. (1996). Dicionário comentado do alemão de Freud. Rio de Janeiro.
- JORGE, M. A. C. *O inconsciente é um saber*. Correio da APPOA, Porto Alegre, n. 104, julho. 2002.
- KRIS, E. (1988) *Psicología del yo et interpretación en la terapia psicoanalítica*. Disponível em <https://www.sauval.com/.../Ernst%20Kris%20sesos%20frescos.pdf> (Obra Original publicada em 1951)
- LACAN, J (2002). *O seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação*. Inédito. Publicação não comercial para circulação interna da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. (Obra Original publicada em 1958-1959)
- LACAN, J (2008) *O Seminário livro 20, Mais ainda*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra Original publicada em 1972-1973)
- LACAN, J. (1967 – 68) *O seminário, livro 15: O Ato Psicanalítico*. Inédito.
- LACAN, J. (1969-1970) *O Seminário livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007. (Obra Original publicada em )
- LACAN, J. (1975-76) *O Seminário, livro 23: O sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996. (Obra Original publicada em )
- LACAN, J. (1985) *O seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Obra Original publicada em 1954 –1955)
- LACAN, J. (1985). *O seminário, livro 11: os quatros conceitos fundamentais da psicanálise*. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra Original publicada em 1964)
- LACAN, J. (1985). *O Seminário. Livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra Original publicada em 1955-1956)
- LACAN, J. (1987). *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária. 404p. (Obra Original publicada em 1932)

- LACAN, J. (1992) *O Seminário, Livro 8: A transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra Original publicada em 1960-1961)
- LACAN, J. (1993). *Televisão*. Rio de Janeiro: Ed.Jorge Zahar. (Obra Original publicada em 1974)
- LACAN, J. (1996) *O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Obra Original publicada em 1953-1954)
- LACAN, J. (1998). A agressividade em psicanálise. In *Escritos* (pp. 104-126). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra Original publicada em 1948)
- LACAN, J. (1998). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In *Escritos* (pp. 591-652). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra Original publicada em 1958)
- LACAN, J. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 496-590). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra Original publicada em 1960)
- LACAN, J. (1998). A instância da letra no inconsciente. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 496-533). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Obra Original publicada em 1957)
- LACAN, J. (1998). Formulação sobre a causalidade psíquica. In *Escritos* (pp. 152-196). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra Original publicada em 1964)
- LACAN, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (pp 238-324). (Obra Original publicada em 1953)
- LACAN, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra Original publicada em 1953)
- LACAN, J. (1998). Introdução ao comentário de Jean Hyppolite sobre a ‘Verneinung’ de Freud. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., (pp. 370-382). (Obra Original publicada em 1954)
- LACAN, J. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu. In *Escritos* (pp. 96-103). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (Obra Original publicada em 1949)
- LACAN, J. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu. In: J. Lacan, *Escritos*. (V. Ribeiro, trad.; pp. 96-103). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1966).
- LACAN, J. (1998). Posição do inconsciente no Congresso de Bonneval. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 843-865). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra Original publicada em 1960)
- LACAN, J. (1999). *O seminário: livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Obra Original publicada em 1957-58)
- LACAN, J. (2002). *O Seminário, Livro 6: o desejo e sua interpretação*. Inédito. (Obra Original publicada em 1958-1959)

- LACAN, J. (2003) “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, in *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra Original publicada em 1967)
- LACAN, J. (2003) *O seminário, livro 9: A identificação*. Publicação não comercial. (Obra Original publicada em 1961-1962)
- LACAN, J. (2003). A lógica do fantasma. In: *Outros escritos*. (pp. 508-543). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra Original publicada em 1967).
- LACAN, J. (2003). A psicanálise verdadeira e a falsa. In J. Lacan, *Outros escritos* (pp. 173-182). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra Original publicada em 1958).
- LACAN, J. (2005). *O Seminário Livro 10: A Angústia*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra Original publicada em 1962-1963)
- LACAN, J. M. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- LACAN, J. (1995) *O Seminário, Livro 4: A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (Obra Original publicada em 1956-1957)
- LACAN, Jacques. A terceira (2002). In *Cadernos Lacan*, v.2. Porto Alegre: Publicação não comercial da APPOA, 72 p. (Obra Original publicada em 1974)
- LAPLANCHE, J., & PONTALIS, J. B. (1992). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- LINS, T. RUDGE, A. M. (2012). Ingresso do conceito de passagem ao ato na teoria psicanalítica. *Trivium - Estudos Interdisciplinares*, Rio de Janeiro. 4(2), 12-23.
- MALEVAL, J. C. (2000). Meurtre immotivé et fonction du passage à l'acte pour le sujet psychotique. *Quarto: revue de psychanalyse*. Bruxelas, n. 71, p. 39-45, ago.
- MILLER, J. A. (2014). Jacques Lacan: observações sobre seu conceito de passagem ao ato. *Opção Lacaniana online nova série Ano 5 • Número 13 • março*.
- MILLER, J.-A. (1998) *Perspectivas do Seminário 5 de Lacan*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 117 p.
- MILLER, J.-A. (1987). *O percurso de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- OLIVEIRA, C. (2007) Da enunciação da verdade ao enunciado do gozo. *Dossiê Filosofia e Psicanálise*. Vitória – ES, n. 36. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/38081>
- OLIVEIRA, L. A. (2004) *Os atos de fala na clínica psicanalítica*. Dissertação de Mestrado. Departamento De Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. Rio de Janeiro. PUC-Rio

- PENA, B. F. (2007). As vicissitudes da repetição. Reverso, Belo Horizonte , v. 29, n. 54, p. 83-87, set. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-73952007000100012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952007000100012&lng=pt&nrm=iso)>..
- PINHEIRO, D. P. N. (2011). *Três casos de parricídio? Passagem ao ato em diferentes configurações psicopatológicas*. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- PINHO, G. S. (2002) Acting Out e Passagem ao Ato:Algumas questões a partir da análise da jovem Homossexual. In *Revista Da Associação Psicanalítica de Porto Alegre* N° 22 - Agosto -
- RAMALHO, R. M. (2001). *A Vida Por Um Fio*., Trabalho apresentado no dia 29 de setembro de 2001, na Jornada .Os Nomes da Tristeza na Clínica Psicanalítica., organizada pela Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA). Porto Alegre, Brasil
- RIEDER, I. VOIGT, D. (2008). *Desejos secretos: a história de Sidonie C., a paciente homossexual de Freud*. São Paulo: Companhia das Letras.
- RIGUINI, R. D. (2005). Da passagem ao ato à transferência: duas soluções em um caso de psicose. *Psyche* (Sao Paulo) [online]. vol.9, n.16 [citado 2017-03-04], pp. 153-164 . Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-11382005000200010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382005000200010&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN 1415-1138.
- RINALDI, D. (2008). O traço como marca do sujeito. *Estudos de Psicanálise*, (31), 60-64. Recuperado em 05 de fevereiro de 2017, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372008000100008&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372008000100008&lng=pt&tlng=pt).
- ROUDINESCO, E. PLON, M. (1988). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- RUDGE, A. M. (2008). Que atos são esses?: *Luto e acting out*. *Psyche* (Sao Paulo) [online]. vol.12, n.22 [citado 2017-03-04], pp. 67-78 . Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-11382008000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382008000100006&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN 1415-1138.
- RUDGE, A.M. (1998) Pulsão e Linguagem: *Esboço de uma concepção psicanalítica do ato*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- SANTIAGO, J. (2001). *O crime kakon: uma questão sobre a lei do gozo nas psicoses*. *Revista Curinga da EBP/MG*: Lacan e a Lei, Vol.17, nov, p.128-135.
- SOLER, C. (1998). *O sintoma na civilização*. *Curinga*, 11, 164-174.
- TENDLARZ, S. (1988). Acerca del Kakon. Publicado em *Malentendido* 3, Buenos Aires, (pp. 21-23). Disponível em <http://www.silviaelentendlarz.com/index.php?file=Articulos/Experiencia-analitica/Acerca-del-Kakon.html>.

- TENDLARZ, S. (1994). Guiraud: la inmotivación del homicidio en la psicosis. *Etiem/ "Characterologia"*. Buenos Aires. nº1, p. 79-86,
- TENDLARZ, S. E. GARCIA, C. D. (2013). *A quem o assassino mata? - O serial killer à luz da criminologia e da psicanálise*. São Paulo: Editora Atheneu.
- TOREZAN, Z. C. F. e AGUIAR, F. (2011). O sujeito da psicanálise: particularidades na contemporaneidade. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 11(2), 525-554. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482011000200004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000200004&lng=pt&tlng=pt). Recuperado em 09 de dezembro de 2017.
- TORRES, R. (2011). Indicações sobre a estrutura da ação específica freudiana: efeitos para o sujeito da psicanálise. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 14(1), 61-76. <https://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982011000100005>